



a bênção da dúvida

As perguntas que
encontramos nas
brechas entre a fé
e as ciências

A bênção da dúvida: as perguntas que encontramos nas brechas entre a fé e as ciências, 2024.

Edição: Deborah Vieira

Capa, projeto gráfico e diagramação: Amanda K. Lopes

Revisão: André Kanasiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A bênção da dúvida [livro eletrônico] : as perguntas que encontramos nas brechas entre a fé e as ciências / Débora Dutra...[et al.]. -- 1. ed. -- Juiz de Fora, MG : Ed. dos Autores, 2024.

Outros autores: Deborah Vieira, Edson Nunes, Karen Aquino.

ISBN 978-65-01-09036-8

1. Comunhão - Aspectos religiosos - Cristianismo
2. Ciência e religião 3. Espiritualidade 4. Fé e
razão I. Dutra, Débora. II. Vieira, Deborah.
III. Nunes, Edson. IV. Aquino, Karen. V. Título.

24-216576

CDD-215

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciência e religião 215

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Esta publicação foi possível graças ao apoio do financiamento da Fundação John Templeton. As opiniões expressas nesta publicação são de responsabilidade da autora e não refletem necessariamente a posição da John Templeton Foundation.

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente a posição de sua equipe editorial.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida sob qualquer forma sem a prévia permissão da responsável pela obra, Deborah Vieira deborah.etc@outlook.com, e dos seus autores.

Sumário

4 Apresentação

5 A dúvida
como uma aliada
Deborah Vieira

36 Encontrando
a dúvida na universidade
Karen Aquino

49 Tenho dúvidas
Edson Nunes

69 Por que temos dúvidas?
Débora Dutra



Apresentação

O ebook que você está prestes a começar a ler é fruto de muitas conversas, leituras e uma mesa redonda sobre o lugar da dúvida no vão entre nossas experiências espirituais e a vivência acadêmica. Essa mesa aconteceu no dia 3 de novembro de 2023 em Itajubá, Minas Gerais, em um evento chamado Colaboratório: encontro de pesquisadores cristãos, e contava com a presença de Karen Aquino, Edson Nunes e Débora Dutra — e aqui, neste ebook, você encontrará um dos seus textos, baseado na discussão que tiveram na mesa. Lá conversarmos sobre a virtude da curiosidade, essa virtude que nos permite explorar o mundo por meio de investigações e perguntas, e que também nos ajuda a conhecer mais de Deus.

Porém, por vezes os espaços religiosos, como as igrejas, não acolhem tão bem a dúvida, e aqueles que questionam são tratados como se tivessem pouca fé. Entretanto, na Bíblia vemos muitos exemplos de como Deus e Jesus não rejeitam as perguntas, pelo contrário, trabalham por meio delas — por exemplo, em nossa humildade.

Este ebook e o evento mencionado são fruto da Iniciativa Logos e Cosmos, um projeto da International Fellowship of Evangelical Students, à qual a Aliança Bíblica Universitária do Brasil é filiada. A iniciativa visa preparar jovens acadêmicos cristãos para liderar projetos em suas universidades que despertem a curiosidade e a admiração sobre a Palavra de Deus e o mundo criado por Deus, e sobre a teologia e as ciências.

Que tal refletirmos mais sobre essa temática e os entrelaçamentos entre fé, ciências e as perguntas que estão te rondando?



A dúvida como uma aliada

Deborah Vieira



Deborah Vieira possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (2016), é mestre em Literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2021), mestre (2018) e doutoranda em Literatura pela mesma instituição, tendo pesquisado em seu mestrado a literatura de mulheres durante o período ditatorial no Brasil e no Chile.

Venha e pense sobre as coisas de forma diferente, porque os planos e desejos de Deus estão ganhando vida agora mesmo. – A anunciação de Jesus em uma leitura proposta por Casey Tygrett

Uma das coisas mais preciosas que todo adulto deve fazer é ler literatura infantil. Há algum tempo ganhei de presente uma edição de *O elefante infante*, do indiano Rudyard Kipling (sim, você se lembrou bem! É o mesmo autor de Mogli). Na obra, ele fala de um tempo muito longínquo quando os elefantes ainda não tinham tromba, e conta a história de um Elefantinho bem jovem e bem curioso. O problema é que sempre que o Elefantinho faz uma pergunta, ele é punido. Ele pergunta à sua tia Avestruz por que as penas dela crescem de um jeito, e apanha. Ele pergunta à sua grande tia Girafa por que ela tinha a pele manchada, e apanha. E assim seguiu até que ele chegou em uma pergunta crucial para a narrativa que estamos acompanhando: o que o Crocodilo come no jantar? Ao fazer essa pergunta ele parece ter alcançado unanimidade em reprovação e todos batem nele, e então ele decide sair sozinho em uma expedição para perguntar diretamente ao Crocodilo. Você deve estar neste momento pensando que essa não é uma boa ideia, não é? Pois bem, chegando ao fim da sua jornada (e de apanhar ainda mais pelo caminho) ele encontra o Crocodilo e lhe faz a pergunta: "Por favor, o que o senhor come no jantar?" e o Crocodilo lhe pede que chegue mais perto, pois irá sussurrar a resposta em seu ouvido. Bom, já sabemos o que o Crocodilo quer com isso... Ele então agarra o Elefantinho pelo nariz e começa a puxá-lo para dentro do rio, e o Elefantinho, com a ajuda de uma Serpente que conhece pelo caminho, começa a fazer força para o outro lado para tentar se soltar. Finalmente o Elefantinho consegue se soltar, mas não sem uma grande consequência: o seu nariz esticou!

E essa é a história de Kipling de como os elefantes ganharam sua tromba. O Elefantinho se sentou por dias esperando que o nariz voltasse ao normal, mas nada acontecia. E aos poucos foi percebendo as vantagens da nova versão do seu nariz. Com a gente também é assim: o processo de lidar com as dúvidas e nossas curiosidades pode até ser dolorido, mas viver esse processo também nos ajuda a crescer (espero que não uma tromba!) e esticar nossa compreensão de mundo e nossa forma de lidar com os outros – afinal, o único na história que não batia em ninguém era o Elefantinho!

Épocas de crises – e as dúvidas podem causar um montão delas! – demandam pensamentos complexos, mas é nesses períodos em que a maior tentação são os simplificadores. Reforçar noções inquestionáveis no lugar de dúvidas é uma forma de simplificar. Aquelas definições simples, jargões (que muitas vezes rimam ou possuem um trocadilho bem memorizável), afirmativas simplistas demais, que não nos exigem nada além de um amém sob a condição de que empurremos nossas questões para baixo do tapete e nos angustiemos em silêncio. Romper com essa cultura pode até fazer com que apanhemos no caminho, mas com certeza Deus quer trabalhar nas nossas perguntas e nas perguntas que ele nos dá para nos fazer crescer para a sua honra e glória.

Algumas dúvidas que temos possuem uma natureza mais curiosa, algo que nos chamou a atenção... *Por que será que o céu às vezes fica rosa no final do dia? Por que fico impaciente quando estou com fome? Por que os gatos tentam imitar ou se comunicar com os passarinhos?*... Outras dúvidas acabam entrando em territórios mais práticos do dia a dia... *Moro no bairro X ou no bairro Y? Compro uma TV ou um retroprojektor? Me matriculo em uma academia ou me inscrevo naquele site de exercícios físicos?*... Já outras dúvidas acabam tocando algumas questões mais profundas, como questões de fé, teológicas, filosóficas, de valores, princípios e ética – veja só, não quero dizer com isso que não sejam questões práticas, afinal, elas podem motivar ou estar por trás das decisões que chamei anteriormente de práticas do dia a dia. Por exemplo, entendimentos relacionados às formações éticas da cidade podem levar alguém a decidir não morar em um condomínio fechado; entendimentos referentes ao início da vida contribuem para que uma pessoa decida ou não abortar; enquanto entendimentos sobre o uso da violência podem levar alguém a não optar por uma carreira militar ou policial – e todos esses entendimentos podem, em algum momento, terem sido uma dúvida e objeto de aprofundamento, algo no qual a pessoa se debruçou para fundamentar sua crença. Ou seja, toda a nossa vida é tecida por perguntas e buscas por respostas.

O meio acadêmico também é assim. Nós adentramos esse espaço primeiramente através de questões (tenha você feito vestibular ou Enem), e, quando entramos, as questões não param de chegar. E à medida que avançamos na vida acadêmica somos mais motivados a não só responder

perguntas, mas também a fazê-las, como formas de compreender o mundo, identificar e buscar soluções para problemas, criar, e até criticar o status quo por meio de questionamentos.

Porém, apesar das perguntas serem muito importantes no cotidiano, nem sempre elas são bem-vindas. Seja no espaço acadêmico ou no religioso. E é um pouco sobre isso que quero falar aqui neste texto.

A DÚVIDA NA UNIVERSIDADE

Há algum tempo, um amigo me mandou uma mensagem perguntando como podia desenvolver um pensamento crítico. Nós havíamos nos tornado mais próximos durante o período de intercâmbio que fizemos na Noruega, e ele era, como diziam lá, meu teammate. Foi uma época maravilhosa para nós dois, mas também muito conflituosa. Nós tínhamos muitas divergências, e uma delas era causada porque (segundo ele) eu reclamava muito. Em uma das conversas que meu amigo teve com sua mentora, ela perguntou se ele entendia por que eu reclamava. Acredito que, no primeiro momento, o que veio à cabeça dele foi "bom, porque ela é chata" (e, convenhamos, ele não estaria de todo errado), mas ela o levou por um caminho de refletir se aquela era minha forma de dizer que eu não estava bem e que precisava de ajuda; ou, ainda, se eu reclamava porque era uma pessoa que estava sempre buscando maneiras de melhorar o entorno. Confesso que ela foi mais bondosa do que eu mesma era comigo àquela altura, mas essa situação me fez pensar também em como eu precisava de discernimento para entender meus questionamentos.

Voltando à pergunta inicial, parei para pensar um pouco e depois respondi: "Talvez seja bom começar lendo Paulo Freire". Gosto muito da sua perspectiva sobre o trabalho em sala de aula, porque ele não ignora o aluno e suas vivências, e tem propostas que consideram o contexto de vida. No texto da Débora Dutra ela vai falar um pouco mais da contribuição freiriana para pensarmos sobre as perguntas, mas já dou um spoiler de um trecho que ela destaca do livro *Pedagogia da autonomia*: "Tenho, às vezes, medo do cientista demasiado seguro da segurança, senhor da verdade e que não suspeita sequer da historicidade do próprio saber.". Esse trecho me marcou em particu-

lar pela parte final “não suspeita sequer da historicidade do próprio saber”.

Quando chegamos à universidade estamos crus, ainda muito acostumados com a dinâmica que normalmente encontramos nas escolas de Ensino Médio no Brasil: o aluno se senta na carteira, o professor, em uma posição hierarquicamente superior em relação ao aluno, despeja o conhecimento, e o aluno precisa absorver e memorizar passivamente o que lhe foi passado para posteriormente repeti-lo (algo que Freire chama de educação bancária). E então chegamos à universidade com a mesma disposição. Nos sentamos e aguardamos o conhecimento ser despejado em nós, sem ainda alguma maturidade para questionarmos a historicidade do próprio saber: de onde vem aquilo? Quem é a pessoa que disse isso? Em qual contexto? No que mais ela acredita? Quais as implicações disso? Por que o professor só indica autores assim? Não há outra teoria que nos ajuda a analisar essa questão e que tenha sido discutida na mesma época? Por que a outra teoria caiu?

Para isso, Jason Baehr diz no seu livro *Deep in Thought* que precisamos de motivações externas e internas. Internas são aquelas que surgem a partir do prazer no próprio conteúdo ou aprendizado, e externas são motivações como encontrar um trabalho ou tirar uma boa nota. Ele aponta alguns estudos que dizem que quanto mais a vontade de estudar, a virtude da curiosidade, é nutrida por recompensas externas (se eu estudar, vou tirar nota boa; se eu for o melhor da turma, vou impressionar meus colegas) é frágil, e não é duradoura. E que a motivação intrínseca também propicia melhor a aprendizagem conceitual, os níveis de criatividade, e o bem-estar. Mas não devemos confundir a curiosidade como algo natural e a curiosidade como uma virtude. Como virtude, ela pode ser cultivada! E os caminhos que o autor sugere para alimentar nossa curiosidade passam por caminhos bem próximos ao de Freire em *Pedagogia da pergunta*:

Em parte, trata-se de aprender a fazer perguntas que sejam reflexivas e profundas. Os pensadores virtuosamente curiosos fazem perguntas que estão bem formuladas e são oportunas. E também sabem quando devem deixar de perguntar. Pelo contrário, alguém cuja curiosidade é puramente natural ou inexperta poderia perguntar de forma torpe, desordenada e pouco oportuna.

Precisamos de sabedoria e maturidade para saber a hora de parar, e apenas ouvir ativamente, ou simplesmente estar em silêncio com alguém, observar, refletir e ponderar. A forma de perguntar também causa efeitos diversos. Algumas formas soam como interesse genuíno, enquanto outras podem parecer inquisitivas. O livro de Provérbios tem lições valiosas sobre o tema, como nos versos abaixo:

“O homem que não tem juízo ridiculariza o seu próximo, mas o que tem entendimento refreia a língua. Quem muito fala trai a confiança, mas quem merece confiança guarda o segredo.” Provérbios 11:12,13 (NVI)

“O homem prudente não alardeia o seu conhecimento, mas o coração dos tolos derrama insensatez.” — Provérbios 12:23 (NVI)

“Quem guarda a sua boca guarda a vida, mas quem fala demais acaba se arruinando.” — Provérbios 13:3 (NVI)

“A língua dos sábios torna atraente o conhecimento, mas a boca dos tolos derrama insensatez. O falar amável é árvore de vida, mas o falar enganoso esmaga o espírito. As palavras dos sábios espalham conhecimento; mas o coração dos tolos não é assim. O sábio de coração é considerado prudente; quem fala com equilíbrio promove a instrução.” — Provérbios 15:2,4, 7 (NVI)

“Quem ama a discussão ama o pecado. Até o insensato passará por sábio, se ficar quieto, e se contiver a língua, parecerá que tem discernimento.” — Provérbios 17:19, 28 (NVI)

Precisamos de paciência no começo da graduação enquanto criamos nossa base teórica – base de base mesmo, aquilo que vai construir um chão e de onde poderemos escavar, ou pular para outros campos e linhas teóricas e descobrir nossa abordagem. E uma boa coisa a se fazer é manter um olho no peixe e outro no gato: estudar sim, bastante, mas também estar atento aos nossos arredores, fazendo perguntas ao entorno para compreender por que as coisas são como são e quais suas relações com o que estamos estudando – e também com a nossa fé em Jesus.

Talvez você tenha ouvido falar de John Stott e de um de seus livros chamado *Ouçá o Espírito, ouçá o mundo* e é por aí que quero te levar a caminhar comigo nessa reflexão. Fique com os sentidos bem atentos ao mundo, não se aliene dele em uma bolha com a desculpa de ter comunhão com os outros amigos crentes ou de proteger sua fé. Jesus orou pedindo para que Deus não nos tirasse do mundo, mas para que fôssemos protegidos do mal (João 17:15). Tudo o que conhecemos é criação de Deus, ainda que uma criação caída em vários sentidos, e fomos chamados para intervir neste mundo e trabalhar pelo Reino aqui. Leia o que a academia está produzindo, leia os jornais, leia literatura e os poetas, visite exposições, assista os filmes, ouça músicas e podcasts – e use as ferramentas que eles nos fornecem para questionar o que está lendo, vendo e ouvindo. Mas também ouça o Espírito, esteja sensível para as perguntas que o Espírito Santo pode te soprar enquanto você está estudando ou caminhando pelo seu bairro (e sim, se você está se perguntando se essa ideia do Espírito Santo soprando perguntas tem relação com a capa, você está correto!). Você já se perguntou como seu objeto de pesquisa se conecta com o mundo ao seu redor? Quais as implicações práticas dessa pesquisa? E como ela se conecta à sua fé?

Dessa forma, podemos mergulhar ainda mais fundo nos nossos estudos – sejam eles bíblicos, teológicos ou acadêmicos: o que as pessoas já falaram sobre esse tema que me interessa? Como foi produzido o que elas estão falando? Houve algum financiamento para que isso chegasse até mim? O que mais é financiado pelo patrocinador? Como isso dialoga com o contexto de produção? E com o meu contexto? Há autores do meu contexto falando sobre isso? Quais são as dinâmicas sociais e de poder que tocam esse tema? Qual relação ele tem com as injustiças do mundo?

Nem sempre é fácil fazer perguntas, mas elas são fundamentais para nos movermos pela pesquisa acadêmica. Muitas vezes é das disciplinas em que fazemos mais perguntas aos professores durante a aula que sai nossa escolha de tema de pesquisa – ou pode ser justamente da disciplina em que os professores nos fazem mais perguntas e nos levam a ir cada vez mais fundo que sai nosso interesse científico. E é por meio de perguntas que conseguimos delimitar nosso objeto de pesquisa.

ABERTURA MENTAL PARA PONDERAR

Perceber nossas limitações também nos aponta para a possibilidade de abriremos nossas mentes para novas possibilidades. Assim, surge uma chance para sairmos do isolamento do vício de seguir naqueles autores (e teólogos) e teorias (e teologias) que se tornaram nossa zona de conforto e buscar por outras óticas para ver aquele problema.

Posso imaginar que essa parte pode ser um pouco difícil. Nós passamos anos ouvindo que algumas linhas teóricas e autores devem ser escrachados e rejeitados (como o próprio Paulo Freire), ou, ainda, que algumas linhas teológicas são hereges, e que mesmo tocar em seus livros nos contagia com o vírus da heresia, mas é isso mesmo? Muitas citações que ouvimos repetidamente para criticar este ou aquele autor são por vezes fruto de texto fora do contexto, conceitos retirados totalmente de seu contexto de aplicação e crítica e aplicados de uma forma que causa medo e terror na sociedade e na igreja.

Então, quando ouvimos sobre um autor que não conhecemos (mais a fundo do que de apenas "ouvir falar"), precisamos nos perguntar: será que é isso mesmo? Em qual contexto ele disse isso? Qual implicação o autor esperava? Será que toda a sua obra e crítica deve ser jogada no lixo? Existe ali algo interessante para o que estamos vivendo hoje? Consigo considerar uma linha teórica sem ser uma pessoa que vai querer sair defendendo todos os aspectos dela? Preciso defender todos os aspectos dessa linha teórica ou autor para ainda assim considerá-lo e não o demonizar? Será que não vieram sucessões e sucessões de teóricos após ele que já revisitaram sua teoria e que, com as devidas críticas ao que ele dizia, trouxeram nova aplicação para seus ensinamentos? Será que essa ideia foi combatida porque ela perturba o sossego de alguém que de fato deveria ter o sossego perturbado? E quais são estas estruturas que essa teoria incomoda?

CONSTRUINDO PONTES ENTRE O QUE ESTUDAMOS E A FÉ

Podemos também de fato começar a inserir perguntas para começar a relacionar o que estudamos com nossa fé: essas ideias possuem alguma conexão com alguma história ou ensinamento da Bíblia? Em qual ponto?

Será que as críticas que tenho a essa teoria, autor ou texto têm como fundamento a minha fé? Será que há outros autores que fazem a mesma crítica? Ou será que o que estou estudando está começando a me fazer ver com outros olhos algumas coisas que conheço da Bíblia e teologia? Ou ainda: será que desenvolver uma pesquisa por esse caminho traz malefícios para a sociedade ou o meio ambiente? Ou o oposto? Será que o que estou falando ou fazendo pode ser usado contra grupos de pessoas, como minorias, ou ainda uma população de uma certa região? Será que o que estou estudando, escrevendo e produzindo leva esses contextos em consideração?

Por muito tempo pensei na história do cego filho de Timeu, de Marcos 10:46–52, apenas como uma lição de: seja chato, grite por Jesus, e ele te atenderá. Ignore as pessoas ao seu redor quando elas disserem que você está fazendo algo errado ao buscar a Deus do seu jeito. Mas depois, estudando um pouco mais sobre dinâmicas sociais, a ótica da minha leitura foi um pouco alterada.

Gayatri Chakravorty Spivak é uma acadêmica da área de teoria pós-colonial que nasceu na Índia, em Calcutá, em 1942. Um dos seus livros (e palestra) mais famosos se chama Pode o subalterno falar? Nele, ela faz uma crítica ao pensamento ocidental em relação à representação das minorias, sendo o

Se você quiser ter acesso ao estudo bíblico indutivo completo sobre esse trecho bíblico, escaneie o QR code abaixo. O estudo está disponível em espanhol, inglês e francês.



termo subalterno usado para descrever pessoas marginalizadas cuja voz é silenciada ou manipulada pelos discursos hegemônicos – muitas vezes sob uma roupagem bonita, como a famigerada roupagem de “defesa dos direitos humanos” que encobre missões de domínio, exploração e neocolonização.

Depois de estudar seu trabalho, o texto de Marcos ganhou novas cores para mim. Comecei a pensar no cego filho de Timeu, que nem nome tinha, e que estava à margem da margem – afinal, à margem já estavam os judeus e moradores daquelas regiões dominadas pelo Império Romano. Quando ele grita, aqueles que também eram oprimidos pelo contexto social da época (mas que estavam de certa forma menos vulneráveis que o filho de Timeu), o mandam ficar quieto. Mas Jesus o escuta e vai até ele. E ao chegar lá, Jesus pergunta: “O que você quer?”. Se fosse uma sitcom, acredito que ao fundo poderíamos ouvir aquela risada enlatada de auditório nesse momento e um personagem irreverente diria: “Ora Jesus, ele é cego! O que acha que ele quer?”, mas aqui está o pulo do gato: Jesus não presumiu, Jesus mostrou para todo mundo que é importante ouvir o que o outro precisa. Por mais que uma situação, para nós, pareça óbvia, é importante ouvirmos as pessoas em vez de impormos a elas o que achamos que elas precisam.

Como esse tipo de reflexão afeta a minha pesquisa? Se Jesus agia assim, e me ensinou por meio da sua vida a agir dessa forma, como vou falar de povos marginalizados ou de novas tecnologias para as pessoas sem levá-las em conta? Ou levando-as em conta de modo a me favorecer? Ou impondo a elas algo que quero que elas vivam ou consumam sem levar em conta o que elas têm a dizer?

Já pensou em como o que você estuda está afetando sua leitura bíblica e como que, de volta, faz com que a leitura bíblica afete o que você estuda e pesquisa?

A abordagem do diálogo para nos conectarmos com o que estudamos e com a universidade é diferente da apologética. Não é incomum que as pontes que são traçadas entre fé e ciências unicamente por meio da apologética acabem empurrando a curiosidade para as margens, porque o

foco por vezes é colocado unicamente nas respostas certas a se dar, e não nas perguntas certas a se fazer. A apologética por si só não é algo errado, mas precisamos tomar cuidado para não cairmos no engano de acreditar que temos todas as respostas, e que as respostas e perguntas trabalham unicamente com a intenção de persuadir alguém, deixando de lado os relacionamentos e sem levar em conta o que está por trás de cada pergunta.

Há uma ótima metáfora sobre criar pontes entre a fé e as nossas áreas de estudo: para construir uma ponte, é comum que os engenheiros direcionem o projeto para começarem dos dois lados ao mesmo tempo e se encontrarem no meio. As duas pontas, que chegam à margem, precisam estar muito bem firmes para que a ponte seja confiável. Essa é uma boa estratégia para criarmos diálogos entre nossas áreas de estudo e a nossa fé em Jesus: precisamos ter as duas bases muito bem fundamentadas: com a mesma intensidade com que nos debruçamos nos livros e artigos relacionados à nossa pesquisa, precisamos nos dedicar ao estudo da Palavra de Deus, aos estudos de teologia e às práticas espirituais.

A DÚVIDA COMO UM PROMOTOR DE ESPAÇOS COLABORATIVOS E ACOLHEDORES

É muito comum que, durante os processos de escrita de trabalhos de conclusão de curso, dissertação ou tese, as pessoas fiquem travadas e se sintam incapazes. Parece que todo mundo sabe o que está fazendo, menos a gente. Mas não saber é justamente o que deve ser o ponto de partida da pesquisa. É a partir de uma estruturação do que não sabemos e da definição do que queremos saber que uma pesquisa se desenvolve.

Difícilmente um acadêmico (e falo a partir do contexto brasileiro) aprendeu a pesquisar de uma forma que não fosse "aprender fazendo"; isso faz com que as dúvidas surjam no meio do caminho. Por isso temos perguntas o tempo todo e surge o sentimento de "nem sei o que estou fazendo", o que vai dando espaço para síndrome do impostor, adoecimento mental, ansiedade e atrasos nas entregas para os orientadores (afinal, ficamos com vergonha de mostrar o pouco que fizemos). E pesquisar assim, fazendo tudo sozinhos, engolindo o choro e seguindo aos "trancos e barrancos", acaba gerando frus-

tração e trabalhos de má qualidade – ou até mesmo desistência e morte de uma vocação que poderia ter levado a uma carreira incrível! Estou falando isso justamente para que possamos ter mais paciência conosco e entender que isso está acontecendo muito por conta do processo de aprendizado no qual estamos inseridos.

Ter mais consciência de que estamos vivendo o processo de amadurecer como pesquisadores nos ajuda a estruturar nossas lacunas e a desenvolver uma certa autonomia para buscar as respostas – por exemplo, para não chegarmos na reunião com o orientador com cara de paisagem sem saber o que queremos dele. Quanto mais claro deixamos para nosso orientador onde estão nossas dúvidas e onde precisamos de ajuda, mais nossa parceria pode ser produtiva e menores as chances de frustrações acontecerem no meio do caminho. Por exemplo, seu orientador ou orientadora pode dizer “bom, neste ponto X eu posso te ajudar, mas sobre este ponto Y não tenho conhecimento algum”, e aí podemos externalizar outra dúvida: “você conhece alguém que pode me ajudar nisso? Você acha que essa pessoa me ajudaria casualmente ou precisamos abrir um processo de pedido de tutela?”.

Da mesma forma como aprendemos na terapia, temos que trabalhar aquilo que depende de nós. Em boa parte dos casos, os orientadores não vão nos guiar dessa forma porque eles também não refletiram sobre esse processo ou estão afundados na lógica meritocrática, repetindo a falácia que diz que, de fato, a academia é um trabalho árduo, é para poucos, e que só os melhores alcançam a linha de chegada.

Essa cultura cria um nicho de mercado para pessoas que querem vender trabalhos prontos (dias atrás descobri uma empresa que se diz de “redatores de ensaios personalizados de alta qualidade” e fiquei em choque). Há também os coach-acadêmicos-mágicos, aqueles que têm a chave secreta que vai fazer você escrever sua dissertação em duas semanas, uma receita de bolo imperdível que irá atender suas necessidades independente da área, foco ou estágio de pesquisa você esteja. Pode reparar: páginas de redes sociais que vivem de fazer piadas alimentando essa péssima cultura acadêmica, que diz “é, ser acadêmico é isso mesmo, é sofrer de ansiedade e parir um trabalho de conclusão de curso depois de passar três noites sem dormir

à base de café (ou algo pior)", em algum momento vão começar a vender uma solução impressionante para que você consiga escrever, ou mesmo te vender o texto pronto. Alguns meses atrás vi uma dessas contas fazendo um carrossel com 5 passos para enganar seu orientador quando não tiver terminado de escrever ou não tiver escrito nada para a data combinada (e zero surpresas, também vendem cursos milagrosos). Afinal, é muito mais lucrativo alimentar esse sistema do que questionar a cultura acadêmica e propor mudanças que possam fazer com que todos possam viver esse período de forma saudável e produtiva.

Ademais, muitas vezes nossos parâmetros de avaliação são objetivos, como os parâmetros numéricos de mercado – número de vendas no mês, número de artigos publicados no ano, número de eventos dos quais participei no semestre, número de páginas que escrevi, número de livros que li, quantidade de fichamentos que fiz. Todos estes são parâmetros quantitativos, e não qualitativos. E por falta de outros parâmetros para avaliar nossa progressão, por não sabermos as perguntas certas para nos avaliarmos e acompanharmos nosso progresso, também sentimos muita ansiedade.

Como podemos abraçar nossas perguntas durante a caminhada acadêmica, nossa insuficiência diante de um campo de pesquisa de forma saudável, compreendendo que a vida acadêmica é justamente ir navegando pelas perguntas? Precisamos fortalecer e propor ativamente espaços colaborativos onde juntos possamos desenvolver nossa autonomia enquanto progredimos nos estudos e pesquisas. E para isso, precisamos reconhecer que não sabemos e que precisamos do outro.

A dúvida também é um potencializador de humildade

Quando percebemos que temos dúvidas, nos damos conta de que não temos todas as respostas em nós, de que não somos senhores do saber. E reconhecer (inclusive publicamente) nossos "não sei" acaba moldando um espaço menos arrogante, com menos disputa de ego e com mais espaço para "vamos buscar uma resposta juntos?". Todo "não sei" é uma oportunidade para colaboração, para diálogo e para a construção de conhecimento a partir de experiências coletivas – afinal, é muito melhor viver

em comunhão, não é mesmo?

Antonio Faundez, no livro *Pedagogia da pergunta*, escrito como uma conversa entre ele e Paulo Freire, diz que o diálogo só existe quando aceitamos que o outro é diferente e pode nos dizer algo que nós não sabemos. A diversidade sempre esteve nos planos de Deus, da mesma forma que estava nos planos dele que nós fôssemos desenhados assim, dependentes uns dos outros, para que pudéssemos nos afetar mutuamente e tivéssemos a oportunidade de trabalhar e construir juntos. Como posso responder a isso como cristão, aluno, colega ou professor?

Se não formos humildes a ponto de dizer “não sei” quando alguém entra num assunto que não dominamos, chegará um momento em que não nos ouvirão mesmo quando soubermos do que estamos falando. Nós somos ramos da videira, não somos uma vareta sozinha, e quando menciono os ramos é para nos fazer lembrar que não estamos sozinhos. Não precisamos querer abarcar em nós todo o conhecimento do mundo, podemos apoiar e trazer ao palco aqueles que sabem, que dedicaram seus dias estudando sobre um assunto – o que é uma demonstração muito bonita de respeito e amor. Ou simplesmente podemos dizer: “não sei, mas podemos buscar por uma resposta juntos!”.

Espaços em que podemos ser ousados o suficiente para sermos humildes e dizer que não sabemos potencializam o caráter acolhedor que precisamos semear em nossas comunidades (sejam elas eclesiais ou acadêmicas). Dessa forma, é possível caminhar rumo à conciliação, e não à contenda. Inclusive, é uma ótima forma de não nutrir em nossos colegas o sentimento de síndrome do impostor. Passamos tanto tempo atuando para mostrar o quanto sabemos de tudo que cultivamos ambientes onde não saber se torna algo pejorativo, e as pessoas que realmente estudaram a questão são desvalorizadas.

Eu me lembro de quando tomei a decisão, na universidade, de atrasar em um semestre minha formatura ao trancar uma disciplina. O tema era literatura brasileira, e já fazia um mês que o professor passava toda aula perguntando, aluna por aluna, se ela já havia lido tal livro do cânone, e cada resposta era

seguida de um deboche e humilhação: "Como assim você não leu tal livro? Mas a novela está em dia, não é?". Um ambiente cuja proposta é desmerecer aqueles que não sabem de algo não é um ambiente educacional.

Jason Baehr diz que a falta de humildade aparece de diversas formas. Pode ser em forma de humilhação do outro (como no exemplo mencionado anteriormente), mas também pode ser

se assemelhar a uma pessoa tão obcecada em "causar uma boa impressão" que faz horas extras para esconder suas fraquezas intelectuais dos outros. Ou pode até ser um perfeccionista que não consegue admitir para si mesmo ou para os outros que cometeu um erro. [...] Ou por estar excessivamente preocupada com suas limitações intelectuais. [...] Ela pode ser autodepreciativa, excessivamente humilde ou intelectualmente servil. Assim, a humildade intelectual complementa e é complementada pela virtude da autonomia intelectual. A humildade intelectual atenua uma possível tendência do pensador autônomo de ir longe demais na tentativa de resolver as coisas por si mesmo, enquanto a autonomia intelectual reduz uma humildade excessiva que poderia levar à submissão ou ao servilismo.

Um professor não deve deixar de apontar onde seus alunos precisam se aperfeiçoar, mas precisa fazer isso de uma forma encorajadora, e não humilhante. É essencial termos curiosidade para estudar coisas novas e ir mais fundo em alguns temas, mas essa virtude precisa seguir de mãos atadas com a humildade. Podemos fazer algumas perguntas para nós mesmos para refletir e reajustar nossa atitude: será que sinto prazer em colocar meus colegas e amigos em evidência quando cometem algum equívoco? Será que isso acontece porque sinto que sempre tenho razão? Como tenho contribuído para cultivar um espaço onde as pessoas não sintam que serão escorraçadas caso reconheçam suas limitações?

Mas nem só de histórias tristes vive esse texto. Também me lembro de quando, de forma contrastante, minha orientadora do mestrado juntou todas as suas orientandas para que cada uma pudesse falar o que queria ou estava pesquisando enquanto ela ia tecendo pontes entre nós "Vocês, fulana

e cicrana, poderiam trabalhar juntas nesse tópico, porque uma sabe mais de tal parte e a outra sabe mais de tal assunto". Não é bom ter um espaço seguro onde está tudo bom reconhecer nossas limitações e criar espaço para colaboração? Iniciativas como essa não são inspiradoras?

A DÚVIDA NA FÉ

As perguntas também são importantes para refletirmos sobre nossa fé. Por crescermos em uma determinada igreja e, conseqüentemente, linha teológica, não só nos fortalecemos na fé, mas também nos entrincheiramos e criamos relações afetivas com aquela linha de pensamento – afinal, cresci assim, a fé dos meus pais e avós é assim, a fé das pessoas que me acolheram na igreja quando me converti é assim, o que eu tinha quando passava por momentos difíceis da minha vida era essa linha de pensamento. Então entendo que seja difícil questionar algumas coisas que são dadas para nós dessa forma, mas é um exercício necessário a se fazer.

Não digo que você deve fazer isso para deixar a fé em Jesus e seguir construindo seu caminho sozinho, ou para renegar tudo o que seus pais te passaram. Mas compreender o contexto de como surge a fé deles também ajuda a entender muita coisa do relacionamento deles conosco. E nos ajuda a fortalecer nosso relacionamento com Deus e a lidar com crises que vão surgindo quando não estamos mais tão debaixo da asa dos nossos pais – por exemplo, quando vamos para a faculdade.

Em 2022, organizamos o primeiro ciclo do Emaús, um projeto que se propõe a colocar pessoas que estejam mais à frente da carreira acadêmica para caminharem com jovens acadêmicos; ou seja, estudantes de graduação que possuem interesse em pesquisa e já estão explorando suas possibilidades em pesquisas de iniciação científica, de extensão ou algo assim. Em uma das atividades do Emaús, lemos junto o livro de ficção Reino transcendente, da ganesa Yaa Giasi. A história gira em torno de Gifty, filha de imigrantes de ganeses e neurocientista da universidade de Stanford, e seus questionamentos em relação à fé e à ciência. Enquanto passa seus dias no laboratório frio, ela relembra as histórias de sua vida, como quando seu pai voltou para Gana, deixando-os sozinhos nos Estados Unidos; a igreja da Assembleia de

Deus onde sua mãe começou a congregar com ela e Naná, seu irmão mais velho; o vício de Naná e a depressão da mãe. Todas as reflexões sobre sua vida são perpassadas por aspectos da religião e da ciência.

Em certo ponto, ela começa a refletir sobre a experiência dela e do irmão na igreja, e um desses trechos chamou a atenção dos participantes do Emaús. Na classe de escola bíblica da qual Gifty e seu irmão participavam quando adolescentes, Naná perguntou a P.T., o pastor de jovens, o que acontecia com as pessoas de regiões isoladas que morriam sem conhecer a Jesus. Sem titubear – e sorrindo – o pastor respondeu de forma presunçosa que elas iriam para o inferno. Gifty percebeu os olhos de seu irmão se apertarem, como quem engolia a seco não só a resposta, mas a forma jocosa com que facilmente o pastor enviava ao inferno tribos inteiras.

Conversamos bastante sobre esse trecho e sobre como defendemos frases e sentenças com unhas e dentes, como se esquecêssemos que não se trata apenas de um conjunto de palavras, mas da vida das pessoas. A partir daí, seguimos falando sobre a importância de lugares em que nossas perguntas são levadas a sério, onde podemos investigar “Mas é isso mesmo? E por que é isso? E como lido com isso na minha vida? Como falo desse Deus para as pessoas? Como esse ensinamento me ensina a ver as pessoas?” e não só decorar uma lista de perguntas e respostas prontas que, supõe-se, devem sustentar minha fé – vide o catecismo de Westminster (falo a partir da experiência de uma adolescente que passava horas decorando o catecismo, mas que por vezes repetia as perguntas e respostas de forma robótica, sem nem compreender profundamente do que se tratavam).

Precisamos criar comunidades de fé que acolham as dúvidas das pessoas de forma séria, em vez de comunidades que ouçam os questionamentos e respondam colocando rótulos de “falta de fé” e “imaturidade espiritual”, retirando pessoas dos ministérios com medo de que a “fruta podre” estrague todo o resto.

Pessoas questionadoras podem encontrar um tempo difícil nas igrejas ao sentir que levantar questões é criar problemas, quando na verdade estão fazendo aquilo porque foram movidas e capacitadas pelo Espírito Santo pa-

ra balançar algo sobre o qual estamos muito confortáveis ou mesmo cegos. Precisamos de pessoas que façam perguntas que possam incomodar os acomodados e cujos frutos possam confortar os abatidos e vulneráveis.

Casey Tygrett diz que, para ele, "a curiosidade nem sempre foi uma companhia bem-vinda. Para um pastor e professor, normalmente a ênfase está na experiência – o objetivo da crença e da fé é o conhecimento e a dispersão desse conhecimento para os outros". Lembra-se da educação bancária que comentei? Ela não está só no sistema educacional. E ele continua: "Pastores ou professores geralmente recebem elogios quando têm a palavra certa a dizer ou sabem o que alguém precisa ouvir." (p. 7) Ou seja, essa lógica de sempre ter uma resposta rápida e exata para tudo precisa mudar nas igrejas também.

Quando nos tornamos tudólogos, pessoas que opinam sobre tudo em todas as áreas do conhecimento, e com muitas certezas, nos tornamos um prato cheio para a proliferação de arrogância. Nos nutrimos do prazer da fama que conquistamos declarando frases de efeito bem construídas (que às vezes nem são nossas) pelo deleite de estarmos certos. Nos satisfazemos em perceber que somos a autoridade na vida de tantas pessoas, que nos consultam para saber se estão pensando (e se expressando) corretamente sobre um assunto.

Acredito bastante no potencial da internet para aprendizado e para romper correntes de pensamento. Vinda de um contexto de cidade interiorana que nem tinha cinema, boa parte do que aprendi sobre teologia no final da adolescência e que moldou o que sou hoje se deu pela internet; se não fosse por isso, dificilmente eu ia conhecer gente que pensava tão diferente de mim e das outras igrejas evangélicas da cidade. Mas as caixinhas de perguntas no Instagram dos teólogos da internet, que aparentemente têm conhecimento sobre tudo, me deixam alarmada. Como responder uma pergunta de alguém que não conhecemos? Como responder uma pergunta cujo background não sabemos? O que ela fará com essa resposta?

Em muitos contextos evangélicos nós crescemos acreditando numa ideia e defendendo uma ideia, uma coisa um tanto platônica, e nos esquecemos de

que a mensagem do Evangelho é acima de tudo sobre relacionamentos. Isso não quer dizer que nós vamos moldar nossa resposta de acordo com cada pessoa para dizer o que ela quer ouvir, mas que nem sempre o que é necessário é uma resposta, uma frase feita, bem recortadinha, que vamos baixar e jogar nos Reels, TikTok e Shorts e viralizar; esquecemos que, por trás daquela pergunta, pode haver alguém que está perdendo suas noites se corroendo de ansiedade e carece de acolhimento. Ou, ainda, que só fez aquela pergunta para usar a resposta como uma arma contra outras pessoas. Nós não fomos chamados para defender frases a todo custo, mas para discipular, e discipular não é angariar seguidores nas redes sociais (ou fora!) para si mesmo.

No livro de Provérbios, logo no primeiro capítulo, vemos a imagem da sabedoria, representada por uma mulher que anda pelas ruas barulhentas e pelas praças questionando:

Até quando vocês, inexperientes, irão contentar-se com a sua in experiência? Vocês, zombadores, até quando terão prazer na zombaria? E vocês, tolos, até quando desprezarão o conhecimento? Se acatarem a minha repreensão, eu lhes darei um espírito de sabedoria e lhes revelarei os meus pensamentos. Vocês, porém, rejeitaram o meu convite; ninguém se importou quando estendi minha mão! Visto que desprezaram totalmente o meu conselho e não quiseram aceitar a minha repreensão, eu, de minha parte, vou rir-me da sua desgraça; zombarei quando o que temem se abater sobre vocês como uma tempestade, quando a desgraça os atingir como um vendaval, quando a angústia e a dor os dominarem. Então vocês me chamarão, mas não responderei; procurarão por mim, mas não me encontrarão. Visto que desprezaram o conhecimento e recusaram o temor do Senhor, não quiseram aceitar o meu conselho e fizeram pouco caso da minha advertência, comerão do fruto da sua conduta e se fartarão de suas próprias maquinções. Pois a inconstância dos inexperientes os matará, e a falsa segurança dos tolos os destruirá; mas quem me ouvir viverá em segurança e estará tranquilo, sem temer nenhum mal. – Provérbios 1:22-33 (NVI)

Não deveríamos nos surpreender com essa informação, mas uma ótima forma de nos mantermos humildes enquanto crescemos em estudo e

conhecimento é manter uma vida de comunhão e temor de Deus e mantendo uma vida de serviço. Lavar os pés dos outros é uma forma de nos lembrar que o que recebemos de Deus não é para engrandecer a nós mesmos, mas para servir (João 13). Quanto mais temos, melhor podemos servir.

Eu me lembro de um dia em que uma menina com quem eu tinha pouca ou nenhuma proximidade me escreveu com uma pergunta curta e direta “você acha que abortar é pecado?”. Como eu poderia dar uma resposta-frase que mostraria que eu defendia a opinião correta em torno dessa questão? Por que ela me perguntava isso? O que aconteceu? Qual o contexto? Ela realmente precisa de uma apologética contra ou a favor do aborto ou ela precisa de acolhimento? Jargões podem matar.

Um outro exemplo para pensarmos sobre como precisamos ter cuidado ao falar é sobre o tema LGBTQI+. Já vivi diversas situações em que uma pessoa pensava estar em um ambiente livre de pessoas LGBTQI+, ou no que ela entendia como um ambiente seguro (ou seja, apenas com pessoas que pensam igual a ela e que são como ela), e começava a disparar diversos jargões preconceituosos – e eram justamente casos em que uma pessoa do grupo não era heterossexual, mas não se sentia confortável o suficiente para se abrir com aquele grupo, e o que resultou foi ainda mais distanciamento, trauma e crises de ansiedade que giravam em torno de frases ouvidas, como “isso é uma aberração”.

O Comentário Bíblico Latino-americano diz que

quanto mais reducionista for o propósito da educação – por exemplo, se promover apenas mais conhecimento intelectual, ou apenas mais destrezas e habilidades, ou somente mais autorrealização –, menos ela promoverá vida plena, e mais se afastará da sabedoria. Por quê? Porque a sabedoria em essência, é conciliadora e promotora da vida em sua totalidade.

Quando o conhecimento bíblico e teológico se torna reducionista em si mesmo, a Bíblia e Deus deixam de trazer vida e se transformam em armas

que usamos para atacar aqueles que pensam diferente de nós, com a desculpa de que estamos protegendo a Palavra de Deus ou o próprio Deus, quando na verdade estamos defendendo nosso próprio ego que sofre em admitir as próprias limitações, que estamos errados, que não sabemos, ou que estamos achando muito difícil não se desbancar para o lado do legalismo ou do relativismo. Precisamos ajustar o nosso foco e trocar a lógica de agitar perseguições contra cristãos (e qualquer pessoa ou grupo) que pensam diferente de nós por uma lógica de cultivar espaços de diálogo que apaguem as barreiras entre "nós" e "eles", onde possamos ser um só com Cristo.

O comentário também segue dizendo que, ao longo da Bíblia, os exemplos de pessoas sábias são marcados por duas características: humildade e reconciliação. Pronto, estão aí duas coisas que precisamos ser, humildes o suficiente para que alguém se interesse pelo nosso testemunho, e que o nosso falar seja pautado pela lógica do Reino, de buscar e de promover a reconciliação de todas as coisas em Cristo. É o que N. T. Wright chama de Nova Criação, que foi inaugurada com a vinda de Jesus ao mundo.

COLOCANDO À PROVA

Por meio das dúvidas também podemos desenvolver nosso próprio relacionamento com Deus. Por vezes, crescemos comprando o pacote completo da fé de nossos pais ou da liderança da nossa igreja local, sem nos questionar muito sobre os motivos.

Durante o intercâmbio eu tinha uma mentora. Em nossa primeira conversa, ela me perguntou se eu tinha alguma dúvida ou algum tema que eu gostaria de explorar durante aquele período lá. Compartilhei algumas questões, e seu conselho foi: "não pergunte às pessoas o que elas pensam sobre X ou Y, pergunte como elas chegaram àquela conclusão." Os caminhos importam, e as pessoas acreditam em algo por algum motivo – só que às vezes acreditamos pelos motivos errados. Quando delegamos nossas questões para outras pessoas, nós deixamos de explorar "novos lugares intelectual e emocionalmente para encontrar onde Deus está trabalhando e nos guiando para ir", como diria Tygrett em *Becoming curious*. Precisamos parar de terceirizar as buscas por razão da nossa fé ou outras questões que nos surgem

para os nossos líderes ou influenciadores, e aceitarmos o convite de Deus para mergulharmos mais fundo em um relacionamento com ele.

Em uma oficina que preparei para um grupo de pesquisadores cristãos da África francófona, uma pessoa compartilhou que, a partir da perspectiva africana, as crenças são dadas de forma muito coletiva. Então uma crença não é algo de uma única pessoa, mas de um grupo, e, como o grupo é importante, continuamos naquele caminho. Ela então perguntou como era no meu contexto, e de certo modo não acredito que seja tão diferente. Muitos dogmas cristãos são perpetuados com o alvará de serem validados pela história da igreja, ou pelos pais da igreja, ou pelo consenso das igrejas ou denominações. É só passar dois minutos na bolha evangélica no Twitter/X que você vai se deparar com algo como "Se você não sabe o que é 'subscrição confessional' ou confessionalidade, conforme a teologia reformada e a tradição dos concílios, apenas fique calado!". Então, pensar diferente de algo que está dado sob tais parâmetros, de certo modo, também nos tira da comunidade ou nos rotula como crentes perigosos que devem ser evitados, nos rotula de hereges.

Dessa forma, o que acontece é que internalizamos mais e mais a nossa dúvida, e começamos a performar a espiritualidade que precisamos performar para sermos aceitos. Isso resulta em frustração com Deus e a comunidade e por vezes em um afastamento da igreja – para depois ainda ter que ouvir as críticas ao desigrejamento, que desconsideram totalmente os pecados da própria igreja. Além disso, muitas vezes achamos que estamos sozinhos em alguma dúvida; mas, quando corremos o risco de expor nossas dúvidas e reflexões, também temos a chance de encontrar outras pessoas que estão questionando as mesmas coisas, e assim passamos a viver verdadeiramente uma comunidade de fé com outra pessoa que é corajosa o suficiente para dizer "não sei bem sobre isso... e se tal coisa na verdade for assim?".

Esse tipo de movimento é inspirado pelos bereanos que conhecemos em Atos 17:11 (NVI):

quanto mais reducionista for o propósito da educação – por exemplo, se promover apenas mais conhecimento intelectual, ou apenas mais destrezas e habilidades, ou somente mais autorrealização –, menos ela promoverá vida plena, e mais se afastará da sabedoria. Por quê? Porque a sabedoria em essência, é conciliadora e promotora da vida em sua totalidade.

Precisamos colocar o que ouvimos à prova, não de forma cínica e arrogante, mas de forma sensível e humilde diante do Santo Espírito do Senhor que nos ensina de diversas formas: pode ser ouvindo uma pregação, mas também pode ser ao estudar profundamente um tema.

Esse tipo de prática nos protege como indivíduos e como comunidade contra o abuso espiritual, visto que, em muitos contextos, questionar uma fala ou decisão da liderança é o mesmo que questionar o próprio Deus. E muitas supressões de questionamentos são feitas isolando os membros “rebeldes” ou “hereges” da comunidade, com o argumento de que eles estão agindo contra a missão, contra a igreja e os planos do Senhor. Desconfie de lugares onde as perguntas não são bem-vindas (sejam esses espaços acadêmicos ou eclesiais) e de líderes que não sejam receptivos às perguntas.

Para o mesmo workshop que comentei anteriormente, usei em um dos slides uma imagem de um grande monstro, representando o leviatã, porque eu iria abordar um trecho do livro de Jó que mencionava o leviatã. Um dos participantes compartilhou que ele estava achando que tinha a ver com poder, porque no livro de Thomas Hobbes, chamado Leviatã, o grande monstro representa o poder. E acredito que faz bastante sentido pensar por aí! Aquele que permite que o questionem se coloca em uma posição vulnerável, por isso é tão tentador sermos inquestionáveis! O poder nos atrai.

Há pouco tempo, em uma oficina de estudo bíblico indutivo ministrado pelo Lucas Slobodticov, foi usado o texto de Atos 8:26–40, que conta a história de quando Felipe batiza um alto oficial etíope. O grupo achou interessante que a interação entre eles havia se iniciado com uma pergunta de Felipe: “o senhor entende o que está lendo?”. Note, Felipe não o abordou dizendo “Eis que o Senhor me enviou para pregar para você e dizer que você deve acre-

ditar em X, Y e Z!!!". Ele não chegou com uma imposição, mas com um convite para conversar. Quando baixamos a guarda e fazemos perguntas para as pessoas, percebemos que elas estão muito mais abertas a ouvir do Evangelho do que julgávamos. Podemos olhar para as perguntas como portas para o diálogo, assim como fez Felipe.

Além disso, precisamos aprender a ajustar nosso foco e fazer as perguntas certas. Casey Tygrett, ainda em *Becoming curious* nos diz: "e se minha melhor resposta para a pergunta de alguém sobre Deus ou sobre a fé for fazer outra pergunta, aquela que está logo abaixo da superfície?" (p. 8). Às vezes começamos uma pesquisa motivados por uma pergunta, e quando começamos a fazer uma revisão de literatura percebemos que aquela não é a pergunta correta para abordar aquele assunto; também é assim com nossas perguntas para Deus (ou qualquer outra). Então, quando começamos a ir mais a fundo naquela temática, seja estudando, conversando com pessoas, meditando na Bíblia ou orando, começamos a perceber a questão que estava abaixo da superfície.

Às vezes, não queremos saber se é pecado beber ou não, mas nos questionamos se somos capazes de beber sem sermos tomados pelo vício. Às vezes não queremos saber se é a hora certa de se casar ou não, mas se será realmente bom se casar com aquela pessoa. Às vezes não temos dúvidas se Deus existe, mas temos dúvidas sobre como ele mostra seu amor e cuidado por nós.

Por esse caminho, podemos pensar na prática espiritual de fazer perguntas, o que Tygrett chama de *quaestio divina*. Anote diariamente as perguntas que surgem em nossa mente, anote as perguntas que você se lembra de ter feito quando criança ou adolescente e que ficaram soterradas pela vida, e siga orando sobre elas. Peça para que o Senhor nos ajude a encontrar resposta, ajuste na pergunta, ou consolo – afinal, nem todas as perguntas serão respondidas.

UM POUCO MAIS DE BÍBLIA

O livro de Jó é um dos mais curiosos da Bíblia, porque a representação que

ele faz das dinâmicas celestes e o que esperamos de Deus entram em choque. Por que Deus aceita uma provocação sobre as motivações de Jó? Por que ele permitiu que tudo aquilo acontecesse a Jó? Por que ele não se justifica diretamente?

Mas uma lição encontrei aí: Deus recebe as variadas perguntas de Jó e não se inflama de fúria, gritando de uma nuvem "Como ousas questionar o seu Deus?!". Quando Deus entra em cena, lá pelo capítulo 38, ele chega como se dissesse "Ah, é? Você quer trabalhar com perguntas? Então vamos trabalhar com perguntas..." e despeja inúmeras perguntas em Jó. Perguntas difíceis demais para serem respondidas por ele, e ele nem sequer se explica ou responde qualquer coisa diretamente.

As perguntas de Deus vão compondo dois blocos de discursos, um sobre os planos divinos e o outro sobre a justiça divina. No primeiro bloco, fazendo Jó perceber o quanto ele não sabe, Deus busca dar outra perspectiva sobre como ele trabalha e seu cuidado ao demonstrar como ele dá força aos animais, os alimenta, cuida para que possam procriar, os nutre de beleza, força indomável, velocidade, etc. Deus criou toda essa criação e a sustenta. O segundo bloco de perguntas de Deus muda de enfoque para falar da justiça, outro questionamento de Jó. Por meio de muita ironia ele tenta fazer Jó se imaginar no lugar de Deus com a sua noção de justiça, uma justiça baseada em um mérito que só poderia ser atendido se Deus aniquilasse tudo.

Jó então se dá conta de que seguir a Deus não é obedecer a uma lista de regras, mas se relacionar com ele. E que por mais que ele tivesse perdido tudo, ele ainda tinha um relacionamento com Deus. Como Edson Nunes vai falar depois, o verbo hebraico para "ouvir" é o mesmo para "obedecer", então é como se a resposta de Jó fosse "antes te conhecia só de obedecer a uma lista de regras que me foram passadas, mas agora te vejo, te conheço de me relacionar contigo, de levar minhas perguntas para ti e ser acolhido".

De um modo semelhante, Jesus acolhe as perguntas e constantemente faz perguntas ajustando o foco daqueles que as fazem; ele se engaja com aproximadamente 183 perguntas. Por exemplo, em Marcos 4, quando uma tempestade alcança o barco onde estavam os discípulos e Jesus, que dormia

mais ao fundo, é acordado pelos discípulos assustados, ele pergunta "Por que estão com medo? Ainda não têm fé?". A segunda pergunta, "Ainda não têm fé?" aparece justamente para ajustar o foco da primeira. A questão não era saber se a tempestade era forte o suficiente para derrubar o mar, e por isso eles estavam com medo, a questão era quem eles pensavam que Jesus era. Ou então quando, em Mateus 12, as pessoas que estavam na sinagoga procuravam um motivo para acusar Jesus e perguntaram "É permitido curar no sábado?", receberam de Jesus a pergunta "Qual de vocês, se tiver uma ovelha e ela cair num buraco no sábado, não irá pegá-la e tirá-la de lá?", justamente porque os judeus tinham desfigurado o sentido do sábado da ordenança de Deus.

Casey Tygrett nos provoca dizendo:

E se Jesus realmente quisesse que crescêssemos e nos aprofundássemos em nossa curiosidade mais do que em nossa certeza ou em nosso conhecimento de fatos e dados? Mais do que isso, e se o próprio Jesus instigasse a busca por perguntas como uma espécie de brincalhão sábio e amoroso, plantando pequenas ideias explosivas que, quando entram em combustão, produzem frutos e não fraturas? Como seria para nós criarmos um espaço – praticar uma disciplina espiritual diária ou semanal na qual nos déssemos permissão para não saber e simplesmente perguntar coisas a Jesus? (p. 9, tradução nossa)

Ele constantemente provocava aqueles que o ouviam a ajustarem seu foco por meio de perguntas para que eles refletissem: "Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão, e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho?" (Mateus 7:3 NVI). Toda a abordagem dialogal de Jesus trabalhava no sentido de mostrar para as pessoas que o Reino de Deus já era realidade em sua pessoa, e provocá-las a pensar e viver a lógica deste Reino desde então. Um Reino que troca o acúmulo e a busca incessante por bens, por generosidade e serviço; um Reino que troca a lógica de competição baseada em quem sabe mais ou tem mais, por uma lógica de colaboração.

Tygrett fala que "se Jesus não pode caminhar conosco quando mudamos ao longo dos anos e das experiências que vamos adquirindo, e se nós não pode-

mos confiar-lhe perguntas novas e curiosas, então nós precisamos nos perguntar se Jesus é suficiente para endereçarmos a realidade sobre sermos humanos e sobre estarmos vivos” (p. 24, tradução nossa). Ao longo da vida, nossas crises vão mudando, e novas perguntas vão surgindo. Muitas perguntas que não existiam quando vivíamos com nossos pais e estávamos apenas preocupados com a nota do ENEM surgem depois, quando estamos na faculdade, definindo os rumos dos enfoques profissionais ou de pesquisa que escolhemos, nos relacionamentos que tecemos, e no mundo que vamos conhecendo. E podemos contar com Jesus durante essa caminhada. Não existe pergunta que possamos fazer para ele que o surpreenda. Podemos confiar que, ainda que ele não nos dê uma resposta rápida, ou mesmo que uma resposta nunca venha, ele continuará conosco.

Ao fim de uma palestra que fiz tocando essa pergunta, um estudante me pediu uma lista sobre o que fazer com as dúvidas. Um passo a passo. Precisei entregar-lhe uma resposta que poderia ser bastante frustrante para ele: não existe passo a passo.

Cada dúvida entra em uma trilha diferente dos nossos pensamentos, sentimentos e vida. E precisamos pensar (antes de pensar na dúvida em si) em como podemos explorar essa dúvida. Em alguns casos, conversar com alguém mais velho ajuda. Em outros casos, precisamos falar com alguém que já passou por aquela situação – ou que sabemos que não passou por aquela situação, porque ao fazer isso podemos apenas levar uma pessoa a uma espiral de dúvida, e lamento as duas pessoas juntas entrando numa espiral de dúvida e lamento. Em outras situações, precisamos falar com apenas uma pessoa, enquanto para outros temas é bom ouvir mais e mais pessoas sobre seus pontos de vista. Em certos temas precisamos de uma pessoa superespecialista, e em outros só precisamos de alguém que nos acolha e nos abraça durante o processo. Às vezes vamos precisar descobrir algo ao nos debruçar sobre livros e livros de teologias, de linhas distintas. Às vezes vamos precisar reler a história de Jesus. Ou ainda escrever esboços e esboços de reflexão num diário, enquanto em outros momentos só precisamos dormir e descansar sobre aquela pergunta.

Mas de uma coisa tenho certeza: dificilmente uma resposta pronta, jargão,

tecida em dois minutos, carregada de "porque é assim que cremos", "essa é a sã doutrina", "o que passar disso é heresia", pode ser a solução. Não falo isso pela resposta em si, mas pelo processo. Porque se nos acostumarmos a nadar no raso, e a temer ir mais fundo, quando a maré subir, qualquer onda nos levará de um lado ao outro.

MAS NÃO ESTAMOS SOZINHOS

Não fomos feitos para caminhar sozinhos, mas em comunidade. E uma coisa que podemos pedir a Deus no processo de lidar com as perguntas é uma rede de apoio e sustento que nos ame mesmo quando não saber de algo seja tudo o que tivermos. Às vezes essa comunidade pode estar na nossa igreja; às vezes serão amigos cristãos que conhecemos em outros espaços; e muitas vezes podem ser pessoas não cristãs também.

Ou, ainda, podem ser pessoas que já viveram há décadas ou séculos e que ainda conversam conosco – calma! Estou falando dos livros! A literatura (teológica ou não) pode nos ajudar a ajustar o foco das nossas perguntas, ou a organizar nossas lacunas (independente de qual natureza seja a dúvida) ou apontar caminhos para as respostas. Inclusive, a depender do assunto, pode ser muito proveitoso intercalar as leituras teológicas e não teológicas, pois uma leitura pode colocar uma luz diferente sobre o outro texto.

Mas nem sempre teremos uma resposta. Em toda a história que conhecemos, Deus nunca garantiu que sempre teríamos as respostas. Depois de discorrer brevemente sobre a história de como o Senhor tirou o povo da servidão no Egito e os sustentou pela travessia no deserto – mesmo em meio à infidelidade do povo – Moisés fala sobre o juízo de Deus que desce à terra e, conseqüentemente, às pessoas, ao desobedecerem seus mandamentos. Ele continua dizendo que "as coisas encobertas pertencem ao Senhor, ao nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei." (Deuteronômio 29:29). Muitas vezes usamos esse texto para falar sobre como não saberemos de tudo (o que não deixa de ser verdade, já que somos criaturas finitas), mas outros comentaristas (como no Comentário Bíblico Latino-americano) também trarão que esse versículo quer dizer que não dei-

xemos de seguir os mandamentos de Deus que estão explícitos e bem claros em detrimento daquilo que não sabemos. Principalmente os maiores mandamentos de todos: "Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e de todas as suas forças. [...] Ame o seu próximo como a si mesmo". (Marcos 12:30, 31; Mateus 22:37, 38).

Não termos uma resposta sobre algo não deve ser o impeditivo para seguirmos aquilo que deve ser o mais basilar norteador de nossas ações e pensamentos: amar a Deus e amar o nosso próximo. Não há desculpa para deixarmos de amar. E não há posição ou resposta que possa ir em direção oposta a essa verdade. Essa deve ser nossa primeira oração: para que saibamos usar o amor por Deus e pelos outros como um crivo de como agimos, falamos e pensamos.

Nem sempre teremos uma resposta rápida, muito menos uma garantia de resposta aos nossos questionamentos. Mas o mais importante de tudo:

O que vocês pedirem em meu nome, eu farei. Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos. E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Conselheiro para estar com vocês para sempre, o Espírito da verdade. O mundo não pode recebê-lo, porque não o vê nem o conhece. Mas vocês o conhecem, pois ele vive com vocês e estará em vocês. Não os deixarei órfãos; voltarei para vocês. (João 14: 15 – 18)

Não estamos sozinhos. Oremos e trabalhemos em nós a partir do amor para que o Espírito Santo possa agir livremente em nós e através de nós, nos aconselhando e também nos consolando. Que ele possa agir por meio de nossa humildade em reconhecer o que não sabemos. Que ele possa agir em nossa dedicação de buscar respostas enquanto estudamos. Que ele possa moldar em nós um ânimo humilde, para que por meio desta virtude possamos acolher e sermos acolhidos. Que ele possa agir abrindo nossas mentes e corações para ouvirmos conselhos cheios da verdade (e também tapando nossos ouvidos quando necessário). Que ele possa inspirar em nós boas perguntas para gerarmos curiosidades santas nas outras pessoas. Que ele possa falar conosco e nos tratar através das dúvidas.

Amém.

Referências

Tygrett, Casey. **Becoming curious**. Downers Grove: IVP Books, 2017.

Kipling, Rudyard. **O elefante infante**. São Paulo: Musa, 2011.

Freire, Paulo; Faundez, Antonio. **Pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

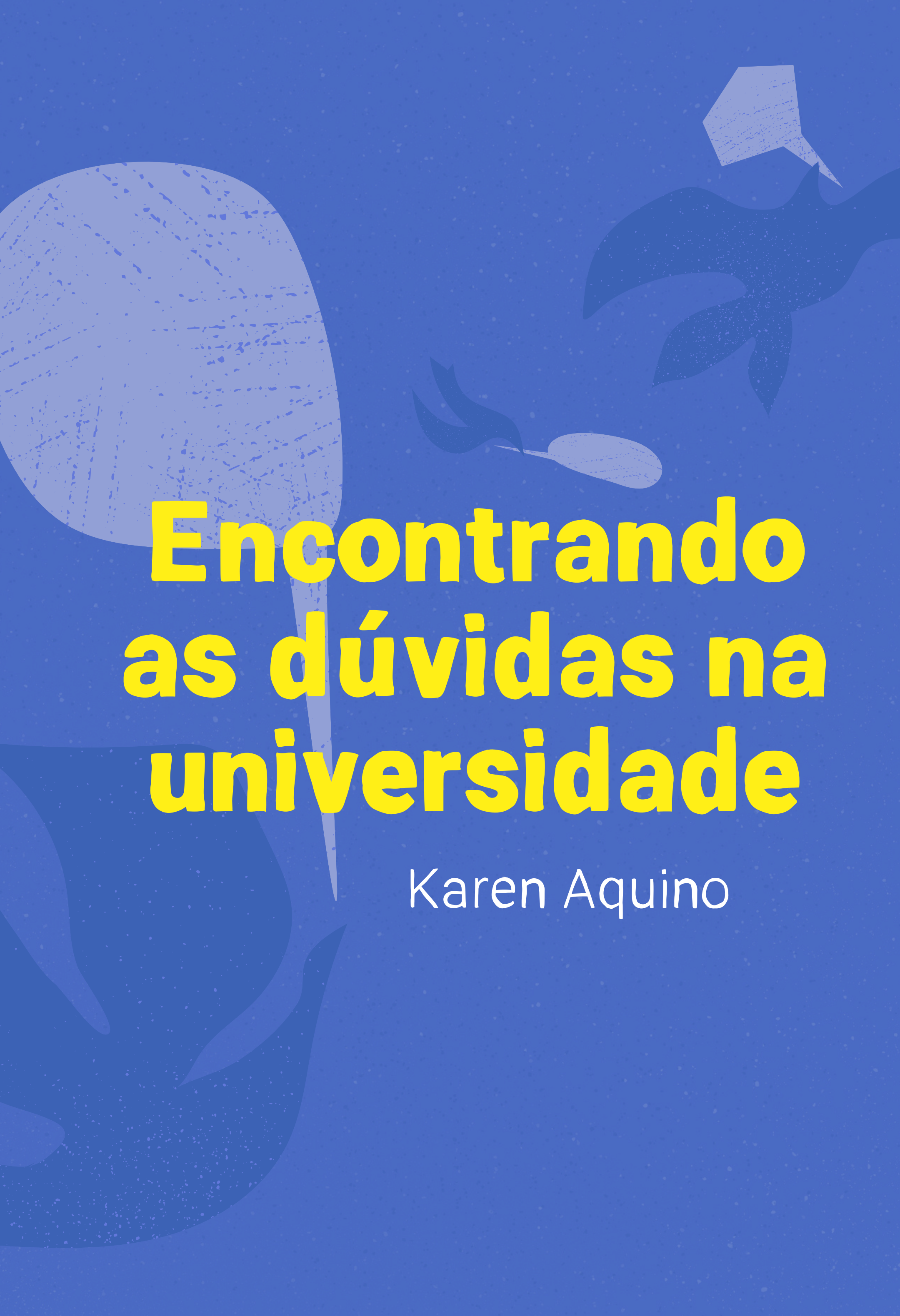
Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

Spivak, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

Giasi, Yaa. **Reino transcendente**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

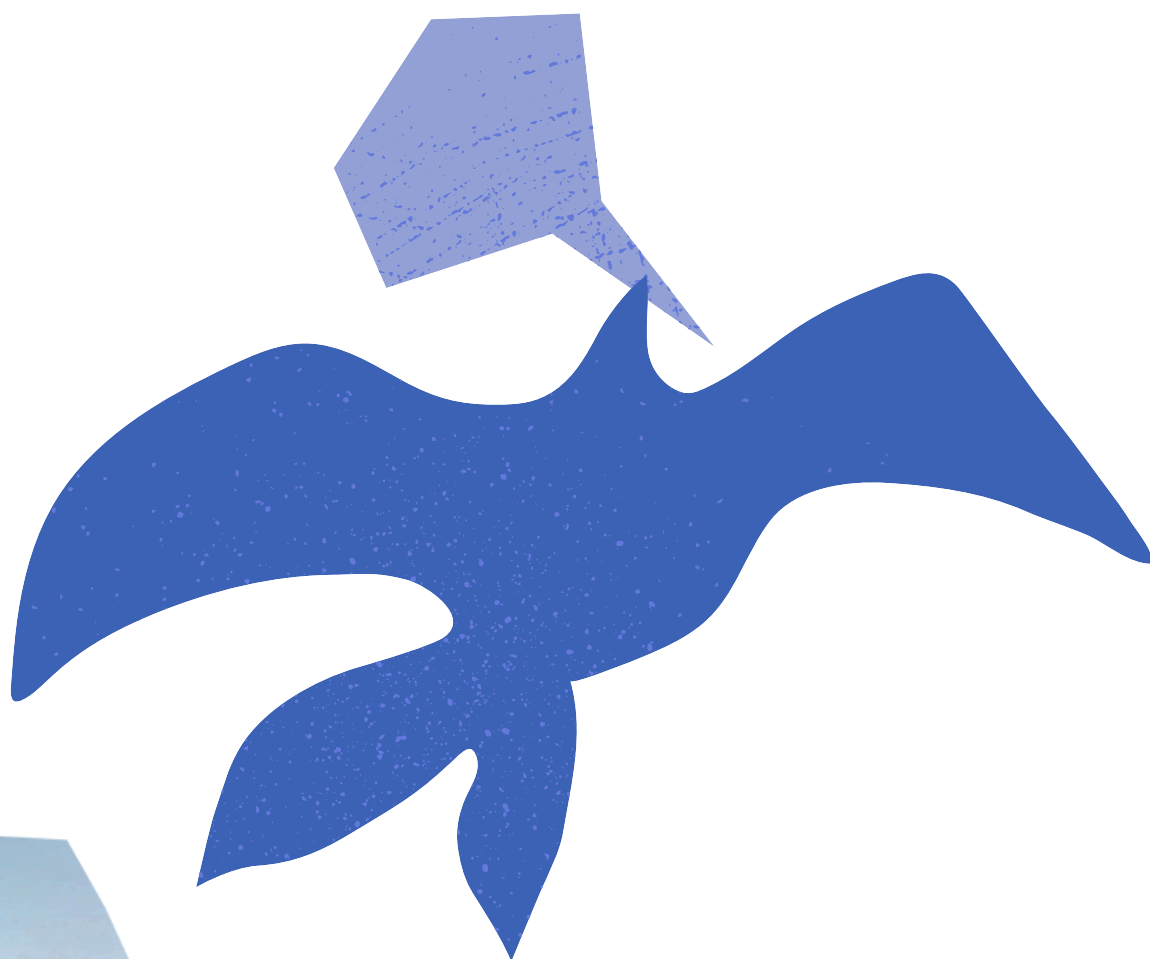
Wright, N. T. **Na terra como no céu**. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2023.

Padilla, René. **Comentário Bíblico Latino-americano**. São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

The background is a solid blue color with a fine, light-colored dot pattern. Overlaid on this are several abstract, stylized elements: a large, light blue globe with a grid of latitude and longitude lines on the left side; a dark blue, stylized leaf or petal shape in the upper right; and a smaller, light blue leaf-like shape in the center. The main title is written in a large, bold, yellow sans-serif font, centered horizontally and partially overlapping the globe and the central leaf shape.

Encontrando as dúvidas na universidade

Karen Aquino



Karen Aquino possui graduação em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2013), é especialista (2015), mestre (2018) e doutora (2023) em Ciência da Religião pela mesma instituição, tendo pesquisado em seu doutorado a relação de complementaridade entre sofrimento e despojamento nas trajetórias espirituais de Simone Weil e Henri Nouwen.

Qual a relação entre as dúvidas que encontramos na universidade, na nossa vida e seus efeitos para o diálogo com pessoas que possuem outras crenças?

Diante de várias definições e usos da palavra "dúvida", uma que me agrada é a de uma hesitação entre opiniões diversas ou várias possibilidades de ação. A gente lida com a dúvida em vários âmbitos da nossa vida: nas decisões pessoais ("Devo me casar ou não? Devo fazer medicina ou filosofia?"), em questões espirituais ("Creio nisso ou naquilo? Vou seguir vocação X ou Y? Vou ter uma religião assim ou assado?"), em questões importantes para a vida em sociedade ("De qual grupo eu quero participar? Desse ou daquele? Me envolvo nessa ou naquela causa? Voto em Fulano ou em Beltrano?") etc.

A dúvida está nesses momentos muito relacionada com as perguntas, mas passa também pelas decisões: como decidimos a partir das muitas questões que nos são colocadas?

Não é diferente na pesquisa acadêmica: a dúvida move o trabalho científico. Você tem uma pergunta que quer responder, e então parte de uma ou mais hipóteses, que são colocadas em xeque: será que é isso mesmo? Depois, essas hipóteses são comprovadas ou não, e o resultado da pesquisa gera conhecimento sobre algo. Este conhecimento é sempre aproximativo, pois nós não sabemos tudo e não conseguimos afirmar tudo com tanta certeza, mas as pesquisas nos ajudam a ter algum conhecimento sobre a realidade. E esse conhecimento pode, então, ser testado, refutado e contestado por outras pessoas, ou também atualizado frente a novos contextos e particularidades.

Assim, essa perspectiva da dúvida como uma hesitação diante de algo que nos propomos a conhecer é um elemento essencial para desenvolvermos uma boa pesquisa e sermos bons pesquisadores. Eu hesito porque parto do pressuposto de que não sei tudo. De que sou inacabada. De que nosso conhecimento humano é inacabado. Mas, ao mesmo tempo, quero conhecer. Tenho esse desejo, essa motivação de buscar.

Pensando então no nosso contexto religioso, como a dúvida é comumente encarada por nós cristãos? Em que contexto ela se insere? Talvez você já tenha ouvido alguma vez que questionar, duvidar e fazer muitas perguntas em geral não é uma coisa boa para o crente. Você estará se metendo numa enrascada se começar a questionar demais! É nesse ponto que quero trazer o sociólogo e teólogo luterano austro-estadunidense Peter Berger. Suas pesquisas apresentam uma perspectiva teórica da religião a partir da sociologia do conhecimento que se enquadra nas abordagens explicativas da religião. Assim, é sob esse viés que ele, bem como outros autores, explica a religião como função social no livro *A construção social da realidade*. Partindo do pressuposto sociológico de que a sociedade é criada pelo ser humano em sua tentativa de construir um mundo para si, já que, diferente dos outros animais, seu mundo não é um mundo pronto, Berger assume que a religião ocupa um lugar de destaque na construção social da realidade. Através dela o ser humano cria um mundo para si, buscando atribuir coerência e sentido à experiência que faz deste mundo e evitar a anomia.

Durante parte de sua vida acadêmica, o sociólogo desenvolveu suas pesquisas com base no marco da teoria da secularização, que associa a modernidade ao declínio da religião. A ideia geral dessa teoria é que, à medida em que a sociedade se torna moderna, a religião vai desaparecendo. Então a hipótese é de que em algum momento, com o avanço do conhecimento científico e o fortalecimento das instituições modernas pautadas na razão, a religião chegaria a um fim.

Em uma obra escrita alguns anos antes de sua morte, em 2017, Berger afirmou de maneira enfática sua mudança de opinião acerca da teoria de secu-

larização, que defendeu durante muitos anos. Sua visão, muito pautada na realidade europeia, não dava conta de responder ao que acontecia na prática nos muitos exemplos que encontrava ao redor do mundo.

A meu ver, essa atitude demonstra uma humildade intelectual. Ele reconhece publicamente suas limitações ao perceber que sua hipótese não era mais corroborada pela realidade.

Por meio da observação de dados empíricos de pesquisas realizadas em diferentes partes do mundo, ele chegou a afirmar que estamos longe de presenciar o fim da religião. Ela não acabou. Se transformou para sobreviver em um novo contexto, mas continua sendo um fenômeno expressivo e fundamental para entender a vida em sociedade.

O aumento expressivo do islamismo e do pentecostalismo são exemplos do crescimento da religião, além das diferentes propostas de espiritualidade que emergiram nas últimas décadas. Como afirmar um declínio neste contexto de crescimento e influência da religião?

Apesar da teoria da secularização ainda ser aplicável a alguns contextos em que esta diminuição de adesão religiosa ocorre, como em nichos específicos de uma população intelectualizada, não podemos generalizá-la, nem mesmo para todos os países da Europa. Os exemplos comentados anteriormente reforçam tal afirmação. Além destes, acompanhe o seguinte exemplo, retirado de *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, para pensarmos na realidade do Brasil:

Hem? Hem? O que mais penso, texto e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara loucura. No geral. Isso é que é salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque.

Mas, quando posso, vou no Midubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca.

Talvez você consiga imaginar alguém da sua família ou faculdade que se encaixa nesse perfil ilustrado pela expressão “qualquer sombrinha me refresca”. Com a perspectiva de que “quanto mais religião, melhor”, fica difícil afirmar que a religião vai ter um fim aqui no Brasil.

Diante da realidade apresentada por esses exemplos fica a questão: se a modernidade não leva exatamente à secularização e ao consequente declínio da religião, ela leva a quê, considerando valores e crenças?

Peter Berger, no seu livro *Os múltiplos altares da modernidade*, afirma que ela leva a um novo paradigma, o pluralismo, perspectiva na qual é enfatizada a necessidade de que diversos grupos humanos, étnicos, religiosos, políticos, ou qualquer coisa que os diferencie, convivam sob uma situação de paz cívica e de interação social entre si.

Nesse contexto, a dúvida se torna um imperativo. Ela é um elemento importante que se destaca a partir de algo que ele chama de **contaminação cognitiva**, uma situação comum do ser humano frente à dúvida. As pessoas, quando conversam entre si, provavelmente vão influenciar o pensamento uma da outra. Ou seja, algo que geralmente nos ocorre quando estamos dispostos a dialogar e conversar com o outro sobre aquilo em que cremos e pensamos.

Diante dessa contaminação cognitiva, há três reações possíveis para aqueles que possuem crenças e sustentam as suas verdades a partir delas. A primeira reação seria a **redução cognitiva**, e ela teria duas faces: uma face defensiva e uma face ofensiva. A **defensiva** é um fechamento comunitário, quando nos fechamos na nossa bolha — e corremos muito esse risco na igreja, na Aliança Bíblica Universitária ou em outro grupo de missão estudantil não é? Trata-se daquela estratégia de gueto: “vou ficar aqui com a minha galeirinha, porque aqui estou seguro”. A dúvida gera medo de não conseguirmos

lidar com os questionamentos que surgem. Então, nesta estratégia de redução cognitiva defensiva, você tenta a todo custo preservar uma subcultura e exorcizar a contaminação cognitiva do pluralismo. Ou seja, nesta perspectiva não há espaço para a dúvida. Por outro lado, a redução cognitiva **ofensiva**, além de reprimir a dúvida, adota uma estratégia de cruzada, expressa pelo pensamento: "vamos reconquistar a sociedade em nome de uma determinada tradição religiosa". Ambas são formas de responder ao pluralismo pela redução cognitiva.

A segunda reação é o que Berger chama de **capitulação cognitiva**, uma rendição identitária. Não conseguimos lidar com o pluralismo, é muita coisa, muita dúvida, é muita questão, e nos rendemos ao espírito da época. É uma escolha que evita a dolorosa troca de concepções, a conversa, e acaba levando a um relativismo.

Por fim, a terceira reação, que eu acho a mais interessante para nós, é a **negociação cognitiva**. Nela você parte de uma perspectiva de abertura ao diálogo. Nesta perspectiva, o desafio maior consiste em garantir que as convicções fundamentais vão permanecer, tomando distância do risco do relativismo, mas também dos falsos absolutismos.

Como podemos encarar o desafio desta terceira reação? Um passo interessante é aprofundarmos nossa perspectiva acerca da fé e da dúvida, assim como a nossa relação com a pessoa em quem depositamos a nossa fé: Jesus Cristo. Se aprofundamos esta relação e entendemos como a fé e a dúvida caminham juntas, podemos ser mais abertos ao diálogo.

E como podem fé e dúvida caminhar juntas? Certo teólogo alemão estadunidense, Paul Tillich, pode nos ajudar a responder esta pergunta:

Fé e dúvida têm sido colocadas como opostos, exaltando-se a certeza da fé como o fim de toda dúvida. É verdade que existe semelhante serenidade muito além das agitadas lutas entre fé e dúvida; e alcançar esse estado é um desejo natural e justo. Mas mesmo quando ele é atingido — como, por exemplo, por santos ou por pessoas que estão firmes em sua fé —, nunca está ausente o elemento da

dúvida. Nos santos a dúvida aparece, como mostram as lendas em torno dos santos, sob a forma de tentação, a qual aumenta na medida em que cresce a santidade. Nas pessoas que clamam ter uma fé inabalada, o farisaísmo e o fanatismo são frequentemente a prova infalível de que a dúvida provavelmente foi reprimida ou de fato ainda está atuando secretamente. A dúvida não é superada pela repressão, e sim pela coragem. A coragem não nega que a dúvida está aí; mas ela aceita a dúvida como expressão da finitude humana e se confessa, apesar da dúvida, àquilo que toca incondicionalmente.

A dúvida nos ajuda a aceitar nossa finitude humana e nos ajuda a confessar que nossa relação é com um ser que nos toca incondicionalmente. E para Tillich, fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente: no nosso caso, o próprio Deus, o próprio Cristo. Um exemplo desta fé é Abraão — Kierkegaard também usou esse exemplo da fé de Abraão em um dos seus livros mais conhecidos, *Temor e tremor*. Deus pediu que Abraão oferecesse Isaque em sacrifício. Imagine quantas dúvidas e questionamentos ele teve — até porque, em termos objetivos, ele não tinha nada em que se ancorar na decisão de entregar seu filho, então provavelmente muitas dúvidas pairavam em sua cabeça. "Ora, Isaque não era o filho da promessa? Que sentido teria, então, sacrificá-lo? Deus não vai cumprir sua promessa? Se meu filho morrer, como vou ser pai de muitas nações?" Imagine só o que passava pela cabeça deste homem no caminho para o monte. Porém, ele viveu o que Kierkegaard chamou de salto da fé, você estar em segurança, mesmo sem estar absolutamente seguro. É esse o tipo de fé que precisamos aprofundar quando queremos viver essa tranquilidade intranquila para poder dialogar e se relacionar com o que estudamos e com as pessoas com quem convivemos, sem medo de questionar. Para termos este tipo de fé, como diz Tillich, no livro *A dinâmica da fé* precisamos de coragem:

A coragem não precisa da segurança de uma convicção inquestionável. Ela engloba o risco, sem o qual não é possível qualquer vida criativa. Quando a preocupação incondicional de uma pessoa é a convicção de que Jesus é o Cristo, então semelhante fé não é uma questão de certeza isenta de dúvida, e sim de coragem que se arrisca, que encerra o perigo do fracasso. Mesmo quando a confissão 'Jesus é o

Cristo' é exprimida com a convicção mais profunda, ela contém risco e coragem.

A fé possui o risco e a coragem de quem se baseia em uma revelação. Abraão baseava sua fé em quê? Na revelação de Deus para ele. No relacionamento que tinha com Deus e naquilo que Deus tinha lhe falado e mostrado. Deus é um Deus que se revela a nós.

John Stott, no livro *Bíblia: um livro para hoje*, enfatiza vários aspectos da revelação de Deus. Uma das reflexões que ele traz é sobre o papel do Espírito Santo no processo da revelação. Ninguém conhece as coisas de Deus a não ser o Espírito de Deus. Por isso, ele é quem nos conduz no entendimento da revelação de Deus na criação, nas Escrituras e em Jesus.

O apóstolo Paulo afirma que "o Espírito de Deus sonda todas as coisas, até mesmo as coisas mais profundas de Deus" (1 Co 2.10 NVI). Pensando nisso, no mesmo livro mencionado Stott, utiliza a imagem do pesquisador para nos ajudar a compreender o que Paulo quis dizer ao explicar o papel do Espírito Santo:

O Espírito Santo é retratado como um pesquisador incansável e questionador, ou mesmo um mergulhador de águas profundas que busca sondar as profundezas do ser insondável do Deus Todo-Poderoso.

Ele atua como um pesquisador que, depois de conduzir sua pesquisa de forma cuidadosa e aprofundada, apresenta a outros o conhecimento gerado por ela. O Espírito Santo é aquele que sonda todas as coisas, até mesmo o próprio Deus em sua profundidade, e apresenta a nós o conhecimento que precisamos ter sobre ele para que possamos ter uma fé viva no espírito e encarná-lo em nossa vida.

O conhecimento (revelação) que temos de Deus através da ação do Espírito Santo em nossas vidas é o conhecimento de que Deus é um Deus que decidiu se despojar de sua glória e habitar entre nós. Em Cristo, ele se fez carne e viveu como a gente. Conheceu nossas dores, nossas crises, as pressões às quais estamos submetidos. É um Deus que se importa conosco e com nossas dúvidas.

Você também percebeu um aumento das suas dúvidas e crises durante o período da universidade?

Essa convicção pode nos ajudar a conviver com a dúvida e deixar que ela seja parte e alimento da nossa fé. Ela pode também nos lembrar de uma virtude importante de ser cultivada na vida acadêmica: a humildade.

Durante meu período de graduação, muitas dúvidas surgiram em minha caminhada com Cristo. Eu vinha de um contexto religioso onde questionar não era visto como algo apropriado, e, ao ingressar na universidade, me senti confrontada com tantas novas questões que me foram colocadas. A Aliança Bíblica Universitária me ajudou muito durante essa caminhada, pois foi um espaço onde pude conversar sobre as dúvidas que surgiam, tanto com amigos que encontrei ali quanto com os obreiros que me acolheram em diversos momentos de crise. Creio que a Aliança Bíblica Universitária hoje ainda é um espaço assim, onde podemos colocar nossas dúvidas para deixar que ela seja parte e alimento da nossa fé. Ela pode também nos lembrar de uma virtude importante de ser cultivada na vida acadêmica: a humildade.

Durante meu período de graduação, muitas dúvidas surgiram em minha caminhada com Cristo. Eu vinha de um contexto religioso onde questionar não era visto como algo apropriado, e, ao ingressar na universidade, me senti confrontada com tantas novas questões que me foram colocadas. E a Aliança Bíblica Universitária me ajudou muito durante essa caminhada, pois foi um espaço onde pude conversar sobre as dúvidas que surgiam, tanto com amigos que encontrei ali quanto com os obreiros que me acolheram em diversos momentos de crise. Creio que a Aliança Bíblica Universitária hoje ainda é um espaço assim, onde podemos colocar nossas dúvidas para fora. No entanto, para que isso aconteça, ou seja, antes de buscarmos às nossas

dúvidas, precisamos reconhecer que somos limitados e incompletos. Que temos muito a aprender. Saber disso nos incentiva a procurar ajuda da maneira correta, pois temos a tendência de não querer nos aprofundar no tema que nos deixa em dúvida; só queremos uma resposta pronta. Por vezes, nos aproximamos de alguém que pensamos poder nos ajudar com nossas dúvidas e o processo para por aí, pois não queremos passar pelo caminho de reflexão suscitado pela dúvida. Ainda que longo e às vezes doloroso, este processo é importante para o próprio crescimento espiritual. Podemos e devemos dizer a Deus e às pessoas: "olha, isso aqui eu não estou entendendo mesmo e talvez nunca entenda, mas me ajude a seguir".

A caminhada é como a de Abraão: "acho que não vou entender isso aqui, mas estou indo, estou dando esse passo de fé". No caminho, Deus vai mostrando algumas coisas para você ir amadurecendo na sua fé. Ter dúvidas e compartilhá-las, com humildade e com um desejo sincero de aprender, contribui muito no amadurecimento da fé. Afinal, se sua fé não estiver madura, como você vai lidar com as dúvidas do outro?

As pessoas nos trazem muitas dúvidas. Lembro de uma experiência pessoal que vivi na universidade. Eu tinha uma amiga com quem eu não me sentia segura o suficiente para compartilhar sobre a minha fé, talvez por conta das minhas próprias dúvidas naquele momento da vida. Em um determinado momento, ela compartilhou algo de sua fé comigo, e começou a me fazer muitas perguntas sobre várias coisas para entender como era a minha fé, como eu enxergava a vida e que sentido eu atribuía a ela. Conversamos sobre como ela enxergava Jesus, como eu o enxergava, e a partir daquele momento conseguimos ter boas reflexões juntas. Até hoje somos amigas, e creio que essa abertura dialogal contribuiu muito para o fortalecimento da nossa amizade.

Quais são as dúvidas dos seus colegas de faculdade? No que eles estão pensando? Pode ser que a dúvida deles ajude você, não só a compartilhar sobre sua fé, mas também a entendê-la melhor.

É importante termos a abertura e a humildade de reconhecer que não sabemos tudo, mas não ficar por aí. Busque ajuda, busque se aprofundar,

Antes de buscarmos acolhimento às nossas dúvidas, precisamos reconhecer que somos limitados e incompletos. Que temos muito a aprender.

leia coisas diferentes daquilo que você está acostumado a ler. Às vezes procuramos ajuda sempre no mesmo lugar, e nossas dúvidas podem ser maiores do que aquilo que já encontramos.

Identifique qual é o tipo de dúvida que te acomete. É uma dúvida de cunho filosófico, teológico ou prático? Tem a ver com suas questões mais íntimas ou com algum assunto específico que você tem estudado? Ao reconhecê-las você pode direcionar melhor seu pedido de ajuda.

E é por isso que algo muito importante que temos trabalhado na Aliança Bíblica Universitária hoje é o tema da saúde mental. Temos visto muitos estudantes adoecidos mental e emocionalmente. Sabemos que o ambiente acadêmico pode amplificar algumas questões relacionadas a este aspecto de nossas vidas e, muitas vezes, a dúvida não compartilhada, reprimida ou negada também pode agravar a saúde mental.

Portanto, diante de tudo o que foi dito, considere levar a dúvida a sério. Lembre-se de compreendê-la como algo essencial em sua vida acadêmica. Tenha coragem de enfrentá-la, não com o objetivo de eliminá-la, mas de ter sua fé em Cristo fortalecida através dela.

Referências

Berger, Peter L; Luckmann, Thomas. **A construção social da realidade**: Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2010.

Berger, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade**: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.

Kierkegaard, S. **Temor e tremor**. São Paulo: Saraiva, 2012.

Rosa, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 15–16.

Tillich, Paul. **A dinâmica da fé**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1985, p. 66.



Tenho dúvidas

Edson Nunes



EDSON NUNES é pastor e acadêmico. Doutor em Bíblia Hebraica (Universidade de São Paulo, 2017) pesquisando a narrativa em Gênesis 1-9, com estágio de pós-doutorado em narrativa bíblica pela Universidade da Califórnia, Berkeley, 2019, onde foi orientado pelo Dr. Robert Alter. Pastor desde 2004, é pastor-fundador da Comunidade.

Você já se perguntou por que a dúvida é tão demonizada nos meios religiosos? Até podemos dizer que isso acontece principalmente nos meios cristãos, mas não é uma exclusividade nossa, já que é algo que se espalha em todos os ambientes religiosos; vemos isso no judaísmo, no islamismo e em várias outras religiões. Com isso em mente, podemos fazer um exercício de pensar como a dúvida navega nesse vão entre pesquisa e prática de fé na vivência de pesquisadores cristãos.

Primeiramente, podemos partir da pergunta: como é que a dúvida se tornou tão importante no processo acadêmico? Aqui você não vai ler uma elaboração extensiva, mas já vou destacar alguns elementos que são importantes para entendermos de onde viemos e como é que estamos em uma universidade estudando as mais variadas ciências hoje. Tudo começou na Renascença, que foi seguida pelo racionalismo, e que antecedeu o método científico — aqui estamos falando de coisas que aconteceram em torno de 500 anos atrás, ou seja, a importância da dúvida no que conhecemos como mundo ocidental não é tão antiga assim. Apesar de já termos filósofos que elaboravam sobre a dúvida desde o século 16, como René Descartes, o que vivemos hoje tem suas raízes num processo de questionamento da religião, que dominava todas as esferas da existência até a Renascença.

Nessa progressão que mencionamos — Renascença, racionalismo e método científico — passamos também pela Reforma Protestante, que, não podemos ignorar, também estava inserida nesse processo. E esse era um processo de questionamento de verdades vigentes para o qual os reformados, mesmo sem romper com muita coisa, trouxeram pensamentos que seriam explorados pelos acadêmicos nas universidades que estavam surgindo naquele momento. Foi como se tivesse acendido um letreiro luminoso dentro na cabeça de algumas pessoas que dizia "Opa! Então eu não preciso estudar a Bíblia dentro de uma confissão religiosa? Eu não preciso estudar a Bíblia como uma verdade dogmática? Eu posso ir para além disso?" No judaísmo, por exemplo, temos um expoente muito importante chamado Baruch Espinosa, que já no século 16 traz essa leitura mais naturalista de que não podemos divinizar e espiritualizar todas as coisas, e de que é importante termos uma leitura natural da realidade.

Todas essas ideias já na sua origem começam a ser combatidas pelos religiosos; afinal de contas, as coisas começaram a ser questionadas, e quando as coisas começam a ser questionadas existe um questionamento do status quo. E as pessoas que usufruem desse status não gostam disso, porque elas gostam de manter o que elas têm — geralmente o poder.

Assim, a reação “fundamentalista” começa já no século 17 e 18, mas é com o estabelecimento de um método científico específico para os estudos bíblicos, o chamado método histórico-crítico, no século 19, que as coisas começam a tomar uma forma mais definida. O método histórico-crítico é elaborado de uma maneira mais plena e mais completa, ou mais documentada, por Julius Wellhausen em 1883, apesar de outros teólogos terem elaborado bastante sobre o tema. Este método atraiu muita hostilidade por parte dos religiosos, pois afirmava entre outras coisas que os textos bíblicos não eram uma unidade coesa escrita por um único autor (o Pentateuco, por exemplo, não teria sido escrito por Moisés), e sim uma colcha de retalhos de tradições orais que foram sendo transformadas em texto ao longo de gerações.

Quando as coisas começam a ser questionadas existe um questionamento do status quo. E as pessoas que usufruem desse status não gostam disso, porque elas gostam de manter o que elas têm — geralmente o poder.

Então, esse espírito de questionamento que surge nas universidades começa a ser combatido dentro das igrejas, e, com isso, muitos desses grandes educadores ou teólogos das universidades começaram a ser expulsos das suas igrejas — nada muito diferente do que vivemos nos dias de hoje, não é verdade? A universidade passa a ser demonizada dentro da igreja, e, com isso, a ideia de estudar qualquer coisa academicamente também passa a ser demonizada dentro das comunidades e das religiões, como o próprio estudo teológico em certos contextos. Dessa forma, temos uma reação que é organizada no século 20, e que ganha uma adesão muito forte na década de 1950, 60 e 70 do século passado: o movimento que nós chamamos de fundamentalismo cristão.

Nesse sentido, o fundamentalismo cristão é uma reação a esse questionamento do texto bíblico. Não questionamentos à autoridade das Escrituras, mas a certos aspectos históricos, sociais e até gramaticais. Em reação a esses questionamentos surgem a inerrância e a infalibilidade. A inerrância e infalibilidade são termos emprestados de uma teologia católica que defendia a autoridade papal e que são jogados para dentro das noções de entendimento sobre as Escrituras Sagradas. Ou seja, nessa perspectiva, a Bíblia é inerrante, ela não pode conter nenhum tipo de erro gramatical, histórico, teológico, etc. Ela não pode ter contradições. Ela também é infalível para explicar todas as ciências, como a Biologia, a Física, a Química, Matemática e o que mais vier... Todas as ciências estão de alguma maneira em harmonia com a Bíblia, porque a Bíblia seria um livro perfeitamente suficiente nessa perspectiva. Ela não contém nenhum tipo de problema ou algo que desafie a compreensão e coerência.

Então, se algum milagre bíblico aconteceu, por exemplo, qualquer estudioso, usando instrumentos da modernidade e do cientificismo, pode explicar cientificamente com facilidade o evento miraculoso, sem que para isso, necessite apelar para o sobrenatural. Um livro máximo desse tipo de raciocínio é chamado *E a bíblia tinha razão*, do teólogo Werner Keller, que é fenomenal para que possamos entender a limitação desse tipo de pensamento. Para o autor, todos os milagres que aparecem na Bíblia possuem uma explicação científica plenamente plausível. Afinal de contas, para ele a Bíblia é um livro perfeito para esse fim, e não revela

nenhum problema nesse tipo de aplicação.

Inclusive, o grande erro que hoje cometemos em relação ao fundamentalismo é entendê-lo como uma proposta de leitura literal da Bíblia. O fundamentalismo não é uma leitura literal da Bíblia, mas uma abordagem que vai defender a inerrância da Bíblia usando qualquer tipo de método, inclusive teorias da conspiração e fake news. Nesse sentido, todo o processo fundamentalista tem quatro crenças fundamentais:

1. **Se a Bíblia é a palavra de Deus, ela não pode conter erros — de nenhum tipo, muito menos erros científicos!** Então, se em algum momento a Bíblia fala de um domo que cobre a terra, numa leitura que poderia ser considerada terraplanista, isso será considerado como um erro do intérprete, não do texto bíblico. O texto bíblico obviamente defenderia uma Terra redonda.
2. **A Bíblia é completa e responde todas as perguntas possíveis, sendo um manual da existência humana.** Então se nós temos qualquer dúvida sobre qual faculdade cursar, por exemplo, a Bíblia vai nos ajudar com a resposta.
3. **A Bíblia só precisa dela mesma para ser estudada e entendida.** O Sola Scriptura deixa de ser um “enxergar a vida através das Escrituras” para ser um “responder todas as coisas a partir das Escrituras”. Só as Escrituras, só elas é que têm todas as respostas. O que torna a leitura da Bíblia uma impossibilidade. Como vamos entender o contexto em que ela foi escrita? Não podemos, pois para isso dependeríamos da história, da arqueologia, e estas são abordagens científicas, não bíblicas. De modo que o Sola Scriptura, ou a Bíblia interpretada por ela mesma, é algo usado e abandonado de acordo com a necessidade para a defesa da inerrância.
4. **Como a Bíblia não tem erros, tudo deve estar perfeitamente harmonizado.** Isso porque a Bíblia não pode apresentar discrepâncias. Nem entre os textos do Pentateuco e os livros históricos, nem entre os profetas e menos ainda entre os evangelhos. Tudo precisa ter uma explicação, porque a dúvida precisa ser sanada imediatamente.

E aí começamos a nos deparar com vários problemas...

Por exemplo, se você estuda a história dos endemoniados gadarenos, você vai perceber que em um evangelho, Mateus, eles são chamados de gadarenos e são dois:

Quando ele chegou ao outro lado, à região dos gadarenos, foram ao seu encontro dois endemoniados, que vinham dos sepulcros. Eram tão violentos que ninguém podia passar por aquele caminho.

Mateus 8:28 (NVI)

Quando você lê Lucas e Marcos, eles são gerasenos e são, na verdade, apenas "ele", um.

Navegaram para a região dos gerasenos, que fica do outro lado do lago, partindo da Galileia.

Lucas 8:26 (NVI)

Atravessaram o lago e foram para a região dos gerasenos.

Marcos 5:1 (NVI)

Como harmonizar isso? Se a Bíblia é inerrante e não contém nenhum tipo de erro, não há como compreendê-la nesse pormenor. Que cidade é essa? Gadara é uma cidade que ficava a 10 quilômetros do mar da Galileia, era uma cidade que não tinha nenhum tipo de despenhadeiro, e o texto diz que os porcos foram enviados do despenhadeiro. Por outro lado, Gerasa é uma cidade que ficava ainda mais longe, a cerca de 60 quilômetros do mar da Galileia, e o texto diz que eles foram jogados do despenhadeiro para dentro do mar. Como podemos responder a isso? Neste caso permitem que a arqueologia seja usada: Gerasa ficava localizada na região do rio Jaboque, que em alguns lugares tem algumas regiões com aglomerações de água, como se fossem pequenos lagos, o que nos dá um argumento para apontar que então se trataria de Gerasa. Porém, Gerasa fica muito longe, e o texto diz que Jesus saiu do barco e imediatamente encontrou o endemoniado geraseno. Ou seja, como ele imediatamente encontrou o homem se ele teve

que andar 60 quilômetros do mar da Galileia até a região de Gerasa? Assim, nós nos deparamos com uma série de impossibilidades geográficas e arqueológicas para aquilo ter acontecido da maneira como está relatada. Por outro lado, existe uma possibilidade de que Gerasa seja uma derivação da raiz de uma palavra hebraica que significa "região dos excluídos" ou "região dos expulsos", de modo que aquela região poderia, portanto, ser em qualquer região do leste do mar da Galileia em que houvesse pessoas que não fossem judias. Ou seja, sempre se arranja um jeito de explicar as coisas.

Essa tentativa constante de harmonizar e explicar discrepâncias da Bíblia me leva ao cerne do meu problema pessoal... Cresci num ambiente religioso fundamentalista onde, por exemplo, Gênesis 1 e 2 são explicados como sendo a mesma história, mas na verdade Gênesis 2 aconteceu no sexto dia da criação, sendo uma explicação mais detalhada de Gênesis 1.

Quando lemos esses dois capítulos, podemos perceber que são relatos extremamente distintos, e daí surge a pergunta: por que são relatos distintos? Como se configuram suas distinções? E naquele momento, com uma mente fundamentalista, só havia uma resposta: tenho que harmonizar esses dois textos. A dúvida deve ser suprimida. Todo o meu doutorado nasceu, basicamente, dessa minha tentativa de harmonizar Gênesis 1 e 2, até porque uma das características do fundamentalismo é usar a universidade como maneira de demonstrar que a Bíblia tem razão.

Moral da história: no final do doutorado descobri que não dava para harmonizar Gênesis 1 e 2 da maneira que havia aprendido dentro da minha denominação religiosa. E quando falei sobre isso, em um podcast, se tornou um problema sério e que somou com outros problemas, causando minha demissão da denominação a que pertencia, da minha confissão religiosa Adventista do Sétimo Dia, porque o fundamentalismo é violento. O fundamentalismo não aceita dúvidas e perguntas, muito menos visões diferentes. E quando somos acadêmicos e religiosos, vivemos constantemente uma tensão: a tensão de nos ambientes religiosos regularmos as nossas dúvidas, e de no ambiente acadêmico tentarmos mostrar que não

somos doidos e malucos por acreditarmos num livro de milênios atrás com milagres estranhos e histórias mais bizarras ainda. Mas quando começamos a ler a Bíblia como um livro de literatura... E essa foi minha jornada acadêmica, já que toda a minha linha de pesquisa tem a ver com Letras, pois sou formado em Letras também. Na USP, onde fiz mestrado e doutorado, não existe um departamento de Bíblia Hebraica, existe o departamento de Letras Orientais, e dentro desse departamento temos os Estudos Judaicos, e lá você tem uma professora que dá aula de Bíblia Hebraica. Nesse caminho de entender a Bíblia como literatura você pode começar a ver a beleza, a profundidade e a cor das histórias. Você começa a ir além daquelas soluções mágicas e maravilhosas que recebeu desde a sua infância, que explicavam tudo tão perfeitamente.

Por exemplo, no segundo capítulo do livro de Ester, quando Ester se preparou para o rei Assuero, foi embelezada etc., o que aconteceu entre ela e o rei Assuero para que ele ficasse extremamente apaixonado por ela? É um bom questionamento.

No terceiro capítulo do livro de Rute, quando Rute se deita aos pés de Boaz, e ele acorda e ela pede que ele a cubra com uma capa, o que isso significa de verdade?

Em Juízes 3, quando Eúde esconde uma faca na coxa e diz ao rei Eglom "Tenho uma mensagem de Deus para ti" (Jz 3:20 NVI), mas mata o rei dentro do banheiro com uma faca, de modo que, pelo fato de o rei ser muito gordo, a faca ficou presa entre as bocas da barriga dele, o que essa história está realmente contando para nós?

Todas essas narrativas carregam uma coloração sexual, principalmente pelo uso das palavras e das construções frasais do hebraico bíblico. Assim como em Cântico dos Cânticos o convite para "beber da taça" não é bem um convite para beber literalmente algo líquido. Entretanto, dificilmente poderíamos sequer mencionar essas tonalidades sexuais, pois causaria tremendo espanto e conflito.

Sendo assim, como podemos lidar com essa abordagem da Bíblia quando estamos em igrejas e espaços com pessoas mais fundamentalistas? Como podemos apresentar essa perspectiva ou essas ideias para nossos irmãos e irmãs que talvez nunca tenham tido acesso a esse tipo de conversa?

O primeiro ponto é paciência e entender de onde as pessoas vêm. Por vezes as pessoas falam para mim: "Nossa, mas você falou um negócio no seu sermão, poxa... Imagina quem está ouvindo..." E eu respondo: "Olha, para a pessoa chegar até mim, ela tem que ter passado por um caminho, não fui eu que vou ter começado." Porque eu já estou em um outro lugar. Quando eu comecei esse caminho, eu comecei com certos questionamentos doutrinários e confessionais do lugar onde eu estava, e esses questionamentos eram expostos para pessoas muito amigas, que eu achava que eram amigas, e que de uma certa maneira me acolhiam. E elas foram pacientes comigo... Algumas me rotularam como o cara questionador e me expeliram.

Então não é que uma pessoa com uma mente fundamentalista não tenha dúvidas, ela só não sabe expressar as dúvidas que tem. E muitas vezes as dúvidas que ela expressa, são no sentido de uma questão administrativa, de um ritual, de uma dinâmica que não tem diretamente a ver com a fé, com o dogma religioso. E aí você tem que perceber o que está por trás daquilo. Por exemplo, quando a pessoa reclama que o púlpito está sendo usado para um discurso político e essa pessoa está numa igreja fundamentalista, você precisa ter muita paciência e muita disposição para conversar com ela, porque essa crítica dela pressupõe que existem várias dúvidas e várias coisas por trás dessa crítica. Para uma pessoa fazer uma crítica numa igreja fundamentalista, ela precisa ter muita coragem. O principal é paciência e diálogo. E não sair desconstruindo tudo, sem colocar nada no lugar. Vamos descolonizar tudo... Vamos desconstruir tudo... Certo, mas o que vai ficar no lugar para aquela pessoa?

Tem um livro que eu indico chamado *O pecado da certeza*, do Peter Enns, e é um livro muito legal, porque conta um pouco da trajetória dele. Enns escreveu

um livro sobre inspiração (que é um assunto muito controverso); o livro deu tanta polêmica que ele foi demitido do maior seminário dos Estados Unidos, tachado de herege. Ele saiu desse seminário, desconstruiu totalmente sua fé, virou professor em outra universidade, escreveu dez livros em um ano, e depois entrou numa crise religiosa, porque desconstruiu tudo, mas não colocou nada no lugar. Então a gente precisa tomar cuidado... porque no afã de querer ser desconstruído, a gente acaba acelerando para outras pessoas um processo que para nós foi mais gradual.

Outro exemplo: um amigo meu resolveu fazer uma semana de sermões numa igreja intitulada "Cristianismo não existe". Esse conceito é maravilhoso, e faz todo o sentido, mas tem muita reflexão nessa frase, muita reflexão teológica, histórica e filosófica. Então a gente tem que ter sabedoria para abordar as coisas em vez de sair destruindo tudo.

Eu falei para vocês de algumas historinhas, mas não explorei todas, porque eu não sei qual é a dimensão de vocês de conhecimento da Bíblia. Como estou falando para universitários, então tenho mais liberdade para falar certas coisas do que eu teria na igreja. Na igreja eu não posso falar que Rute estava nua e se deitou aos pés de Boaz para uma tentativa de aproximação sexual, e por isso pede a ele que a cubra. A situação que ela criou para Boaz era tremenda — lembrando que Boaz era um homem velho, Rute era bem jovem, e ele diz a ela: "que bom que você não procurou os mais novos". Olha que situação maluca! Ester, por exemplo, é a mesma coisa. Você vai trabalhar Eúde, que mata Eglom: tem um monte de loucura aqui, de mentira, inclusive, porque Eúde mente, dizendo que tem uma palavra de Deus, mas não era uma palavra, era uma adaga. Então, tem que ter paciência, muita sabedoria, e saber o que colocar no lugar.

E como compreender essa perspectiva de leitura bíblica à luz do versículo de 2 Timóteo?

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra.

2 Timóteo 3:16,17 (NVI)

Muitas pessoas são motivadas por esse versículo a buscar todas as respostas para as suas dúvidas na Bíblia, e durante as nossas buscas tentamos interpretar os textos. Como é possível fazer isso usando outras ferramentas que não sejam o fundamentalismo?

Eu fiz algumas indagações acerca desse texto, que julgo importantes, já que é o texto base para toda uma doutrina de inspiração do texto bíblico. Esse texto é obviamente tirado de um contexto, no qual podemos dar uma pincelada para entendê-lo. Primeiro, se existe toda uma teologia de inerrância e infalibilidade a partir de um único texto da Bíblia, isso já é um problema. Tem muita teologia aí que é feita a partir de um único texto, isso não existe. Paulo (segundo alguns estudiosos) está escrevendo para Timóteo, o encorajando em seu ministério. Paulo indica que Timóteo deve continuar imitando-o, inclusive no estudo e ministração da Palavra. Então Paulo diz:

Quanto a você, porém, permaneça nas coisas que aprendeu e das quais tem convicção, pois você sabe de quem o aprendeu. Porque desde criança você conhece as sagradas letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus.

2 Timóteo 3:14,15 (NVI)

O contexto imediato, então, é a Bíblia como fonte de sabedoria para a salvação. Não há doutrina de inerrância, infalibilidade ou até de autoridade moral.

Um segundo ponto é entender que nenhuma dessas palavras aparece em lugar algum sendo aplicada à Bíblia, nem aqui em Timóteo, nem em qualquer outro texto. Além disso, uma pergunta simples e, ao mesmo tempo, complexa é: a que Escritura Paulo se refere? Toda a Bíblia Hebraica? Só a Torá/Pentateuco? O que temos certeza é que a referência a inspiração não inclui o Novo Testamento, já que ele não existia completamente.

Por fim, para não ficar muito longo, a ideia de inspiração, de sopro, na Bíblia Hebraica nunca é utilizada como sinônimo de autoridade legal ou canônica. O sopro é um indicativo de vida. Deus sopra e Seu sopro produz vida, produz

salvação, restauração etc. Aliás, é esse o conceito imediato ao texto, como vimos: salvação.

1. **A história explica o texto:** o método histórico-crítico e seus derivados. Crítica das fontes, crítica do editor, comunidade original etc. Quem escreveu? Quando? Para quem? Essas perguntas resolvem o texto, e eu vou entendê-lo a partir disso. O método histórico-crítico é consagrado dentro da academia. Eu, particularmente, não gosto e não uso, mas ele tem seu valor.
2. **Crítica literária:** vou resolver o texto a partir dos elementos que o texto me fornece. Por exemplo: Salmo 1, como vou entender e interpretar esse salmo? Não sei quem é o autor, não sei quando foi escrito, e não sei por que o colocaram como primeiro no saltério, mas o Salmo 1 tem elementos literários que vão me ajudar a entender o que ele quer dizer. Então não é a história que resolve, é o texto que resolve o próprio texto. Esta abordagem tem fatores limitantes e fatores interessantes. O Salmo 51, por exemplo, começa dizendo que é um salmo de Davi, quando Natã o exortou etc. Ou seja, este salmo já vem com um contexto histórico, então precisamos entender o contexto de quem é Davi, o que aconteceu, o que Natã disse a ele. O próprio texto diz que preciso de elementos históricos pra entendê-lo. Tem uma frase do Robert Alter da qual eu gosto muito: "todo texto que se propõe a ser histórico deve ser lido historicamente". Então se o texto tem o nome de um rei, de um país, ou de um lugar, você precisa entender quem foi esse rei, qual foi esse país etc. É necessário entender seus elementos históricos. Mas se um texto não se propõe a ser um texto histórico, por que eu o leria historicamente? Cânticos dos cânticos, por exemplo: o homem está se declarando, a mulher está se declarando. Por que eu tenho que entender quem escreveu? Por que eu tenho que entender quem é a mulher que está lá? O texto não está preocupado com isso.
3. **Crítica do leitor:** esta é uma linha mais recente, não importa quando foi escrito, quem escreveu... importa como os leitores contemporâneos entendem. Esta linha é a que está mais em moda hoje, e aqui se encaixam todas as leituras feministas, antirracistas, decoloniais, e assim por diante.

Em todas essas três linhas tem gente boa e tem gente ruim. Tem gente muito profunda e gente picareta, é normal. Mesmo na nossa área acadêmica conhecemos gente com doutorado que escreveu um monte de livro e é picareta. Isso acontece nas três linhas de estudo. Cabe a você decidir o que vai fazer. Todos esses três métodos vão ser demonizados na sua igreja, não tem jeito. Qual o método que vai ser aprovado na sua igreja? A harmonização dos textos: pode usar até arqueologia desde que a arqueologia comprove a Bíblia, pode usar literatura desde que literatura comprove a Bíblia, pode usar método histórico desde que o método comprove a Bíblia. Tudo você pode usar, mas o dia em que você vier com qualquer coisa que não seja o inerrantismo, vai ser rotulado de herege...

Por exemplo, Marcos, quando escreveu seu evangelho, se baseou muito no testemunho de Pedro, então Marcos é diferente de Lucas. Já Lucas escreveu baseado em outras coisas, provavelmente foi o último dos sinóticos a ser escrito, é o que usou mais fontes diversas e históricas. Mateus tinha seus propósitos distintos. Você começa com esse tipo de coisa e tem gente que começa a levantar a orelha: "Espera aí... Não foi o Espírito que ditou as palavras para cada um escrever?" A maneira pela qual Deus foi retratado em Gênesis é diferente da maneira pela qual Deus é tratado em Êxodo. Aí vem um parêntese: isso acontece porque foram autores diferentes? Não necessariamente. Você vai ler Guimarães Rosa, por exemplo, *Sagarana* e *Primeiras estórias*, depois *Grande sertão...* é o mesmo autor, tem muitas coisas similares, mas tem muitas diferenças também.

A Bíblia também é assim. Textos diferentes não significam necessariamente autores diferentes, datas diferentes etc.

Eu acredito que a Bíblia é inspirada. Mas o que é inspiração? Se a inspiração for Deus ditar as palavras, não acredito; se a inspiração significa não ter erros e imprecisões históricos ou problemas gramaticais (bastante!), também não acredito. Se a Bíblia ser inspirada significa que ela não tem relação com os relatos mesopotâmicos e mitológicos, também não é possível, porque já está claro que ela tem relação com outros textos e relatos

contemporâneos a ela. Então o que é inspiração? Para mim é o propósito. Qual o propósito da Bíblia? É útil para ensinar — você percebe que é o que o texto de Timóteo está dizendo, não é? —, para correção, para isso e aquilo. Ele não diz que é útil pra entender biologia, a origem das espécies, química, física, etc. O que ela ensina então? Ela ensina sobre vida, ética, comportamento, mas, principalmente, sobre salvação.

Além disso, há uma questão que podemos explorar sobre como não deixar a dúvida soterrar a gente, sabendo que ter só certezas é perigoso, mas não se deixando levar por todas as dúvidas para um lugar também perigoso. Até porque ter dúvidas, na prática do dia a dia, pode ser meio desesperador... E a gente precisa tomar decisões para ir seguindo a vida.

Um bom conselho para a vida acadêmica, para que você não seja soterrado, é terapia. Faça terapia. No final do meu doutorado, eu entrei numa depressão profunda. Essa dúvida de si mesmo é uma dúvida que destrói. A chamada síndrome do impostor, viver duvidando de si mesmo, acaba com você. No final do doutorado, você vai viver isso daí; você já não lembra se o que você escreveu é da sua cabeça, se de alguém que você citou, se de alguém que você não citou... "Alguém vai chegar na banca e dizer que eu sou plagiador, vou ser detonado!" Faça terapia. Eu tinha vontades suicidas tremendas no final do doutorado. Eu pensava: "prefiro morrer do que defender o doutorado". Essa dúvida de si mesmo é complexa e pode ser fatal. Por isso, faça terapia.

Já as dúvidas filosóficas precisam permanecer sempre, você precisa viver questionando no que acredita. Tem coisas nas quais acredito que eu vivo questionando, e vou ter minhas crises constantemente. Por exemplo, eu tenho minhas crises quanto à existência de Deus. Eu passo momentos muito bons em que não questiono isso, e há momentos em que questiono, e geralmente esses questionamentos vêm em momentos de dor e de tristeza, da morte de alguém, etc. Isso é normal, é natural; não abafe essas dúvidas e incertezas.

Eu também tenho muitas dúvidas em relação à Bíblia. As pessoas falam muito da crítica textual, como se ela fosse uma solução para a fé... Vá ler sobre

crítica textual e você vai entrar em crise. Os manuscritos: por que são esses manuscritos e não aqueles? Quais manuscritos estão mais certos do que os outros? Por quê? A discussão sobre manuscritos termina na discussão do cânon, que é outra discussão sem volta. Isso já é demais para a minha fé, não vou entrar aí. Tem coisas que são muito complexas, e que é bom você viver questionando.

No final do meu doutorado eu tive uma crise tremenda com um medo que se provou verdadeiro. Eu trabalhei a caracterização da terra em Gênesis 1—9 através de uma metodologia de crítica da narrativa, isto é, entendendo o texto a partir do que ele oferece. A parte histórica não me importava. Mas havia um detalhe: em Gênesis 1:26, Deus fala "Façamos os seres humanos à nossa imagem, conforme a nossa semelhança." Quem são os sujeitos desse "façamos"? As pessoas explicam com as figuras de linguagem: "não, é um plural majestático, plural do discurso", etc. Mas em Gênesis 1 você só tem dois sujeitos de verbo, dois sujeitos atuando: Deus, sujeito de 99% dos verbos, e a terra, sujeito de um verbo. Aí eu entrei em crise. "Vou ter que escrever que o 'façamos' é Deus e a terra." Eu já sabia onde isso ia dar, e não conseguia dormir, comer, escrever...

Então eu recorri a um professor que não era do meu meio, era de fora, embora fosse da minha denominação, e que foi professor durante décadas na Inglaterra. Eu me correspondia com ele por e-mail, e graças a Deus ele foi fazer uma semana acadêmica na universidade onde eu lecionava. Assim eu tive a chance de conversar pessoalmente com ele por uma semana; isso foi dois meses antes do depósito da minha tese. Eu disse a ele que tinha escrito dois capítulos, precisava escrever mais dois, mas só tinha dois meses para terminar, mas estava travado porque sabia que o que eu queria escrever me daria problemas, que se alguém lesse eu seria mandado embora, chamado de herege, queimado na fogueira, etc. Ele pediu que eu lhe contasse mais sobre o que estudei, e eu contei. E ele disse: "Se tem conexão, escreve. Eu concordo com você, inclusive (só não escreve que eu concordo), mas escreve." Infelizmente ele não pôde fazer parte da banca,

por uma questão de inglês e português, mas eu escrevi. E deu problema mesmo. Foi uma das coisas que deu problema. Mas foi uma dúvida que valeu a pena para mim do ponto de vista acadêmico, e me abriu muitas portas.

Contei essa história para dizer o seguinte: faça terapia. Você precisa de um acompanhamento psicológico. Tenha dúvidas, cultive suas dúvidas, mas mantenha sua saúde mental.

Cultivar e lutar com minhas dúvidas me fez crescer, como acadêmico e como crente. A dúvida me permitiu enxergar a Bíblia como um livro real, como um livro de histórias malucas, mas lindas. Um livro de histórias de conteúdo ético fenomenal, porque diferente de outros livros religiosos antigos, a Bíblia não esconde os erros dos seus personagens. Na maioria dos livros religiosos da Antiguidade, os heróis são heróis planos mesmo, sem erros e sem máculas; mas quando você estuda a Bíblia, os heróis não são heróis. Muitas vezes são anti-heróis. A bíblia não esconde seus personagens e não "passa pano" para nenhum deles.

Pensando na dúvida e na coragem, como conviver com a dúvida na fé? Como buscar essa coragem e deixar que a dúvida seja parte e alimento da fé? Podemos citar aqui um rabino, Abraham Heschel, que diz, no livro Deus em busca do homem, que a dúvida é essencial para a fé. A esse processo, no qual você tem dúvidas e não consegue respondê-las de maneira alguma, ele chama de maravilhamento radical. É necessário viver com Deus em um estado de maravilhamento radical, sabendo que algumas dúvidas você não vai responder, nem com a Bíblia, nem com teólogos.

Tive uma experiência que me ensinou muito sobre este maravilhamento radical. Eu tinha acabado de começar meu mestrado na USP e era pastor de uma igreja; e, como eu sempre gostei muito de ler, se espalhou uma história de que eu era um pastor inteligente. Então uma professora universitária, doutora, etc., levou o noivo para a igreja. O noivo assistiu o culto — era uma igreja bem pequena, com 40 ou 50 pessoas —, e no final vieram os dois conversar comigo. Ela me disse: "a gente vai casar daqui a um mês, e eu queria

muito que você fizesse meu casamento; mas sei que na Igreja Adventista o pastor só pode fazer o casamento entre adventistas. Eu já sou, mas ele não é." Eu olhei aquela situação e já achei um absurdo ela falar isso na frente dele, mas ela continuou: "ele tem algumas dúvidas e quer tirar as dúvidas com você". Eu o cumprimentei e perguntei se ele queria estudar a Bíblia; ele abriu os braços, como quem só estava fazendo isso por causa da mulher.

Então, conversando com os dois, descobri que ele era físico nuclear, era diretor da cadeira de física na Escola politécnica da USP, e trabalhava diretamente com o famoso acelerador de partículas na Suíça. Conforme ele me explicava isso, eu pensava: "Meu Deus, como que vou dar estudo bíblico pra esse cara?" Por fim, ele disse que só tinha duas questões muito simples: "A Bíblia é um livro curioso, comecei a ler e fiquei muito impressionado, mas só tenho duas dúvidas... Gênesis 1 e natureza de Cristo." Só dois dos debates mais antigos do cristianismo, nada demais.

Marcamos uma conversa para a semana seguinte e passei a semana toda estudando; peguei todos os livros de criacionismo (que é um negócio impressionante, não é? Biologia, química, tudo explica que Deus criou o mundo. E é simples, só não entende quem é burro), mas os li e fiz todo um estudo, fiz minha prática de estudo literário e fui para o bíblico. Expliquei tudo a ele, fiz pontes com todas essas áreas... E ele não mudava sua expressão. Encurralado, sem saber mais o que dizer, resolvi ler Hebreus 11:1-3 (NVI):

Ora, a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos. Pois foi por meio dela que os antigos receberam bom testemunho. Pela fé entendemos que o universo foi formado pela palavra de Deus, de modo que o que se vê não foi feito do que é visível.

e expliquei que Paulo utiliza uma linguagem super teológica, filosófica, para dizer que "olha, no final das contas, para entender por que Deus criou o mundo, você precisa de fé". Então o físico respondeu: "Ah, é fé? Fé eu tenho." Passo seguinte: a natureza de Cristo. Segui o mesmo procedimento anterior, mostrando um monte de argumentos— teologia na veia! Deus encarnado, o problema do pecado, o santuário etc. Então no final eu li Paulo

outra vez, dizendo que a encarnação e o nascimento de Cristo são um mistério. Eu terminei dizendo: "É um mistério, não tem como explicar. Tem que ter fé." E ele repetiu: "Ah, fé eu tenho." Na semana seguinte ele se batizou.

Fui visitá-lo depois da lua de mel e comentei com ele que nunca tinha visto um estudo bíblico tão rápido e ao mesmo tempo tão difícil. Ele respondeu: "Sabe o que é? Na minha área, física nuclear, tem um monte de coisa que eu não consigo explicar, tem um monte de coisa para as quais eu não tenho resposta, tem um monte de pressupostos que a gente vive questionando, porque a gente os assume como pressupostos, mas não temos certeza. É uma área em que precisamos viver questionando tudo o tempo todo, é difícil... Eu trabalho com os caras mais sinistros do mundo, e a gente tem um monte de dúvida; mas vocês, pastores, sabem tudo. Eu fico impressionado ao ver como vocês têm resposta para tudo. Então quando você disse que não tinha respostas, eu pensei 'essa igreja eu quero, porque essa é a minha igreja: a igreja de quem não tem respostas'". Apanhei feio, e aquele foi um aprendizado para o restante da minha vida acadêmica e ministerial.

A nossa religião, principalmente para quem é acadêmico, é a religião da dúvida. A nossa fé é a fé da dúvida, porque a fé não é o dogma, a fé é o relacionamento com uma pessoa: Jesus Cristo, através do Espírito. Então a coragem de ter a dúvida é a coragem de ter um relacionamento com alguém que é Deus encarnado, morreu e ressuscitou — só isso já é motivo para você ser motivo de piada pelo resto da sua vida. Mas é algo que não tem explicação científica. Não vai existir método que explique isso, mas é o que a gente vive.

Então, nas universidades, a gente tem que parar de usar as ciências para dogmatizar a nossa fé. E entender que as ciências têm um papel importantíssimo no entendimento da nossa fé, porque elas vão gerar dúvidas, e as dúvidas são necessárias para o nosso relacionamento com Deus, como foram com Jó. Ele disse: "Senhor, não entendo o que está acontecendo, me deixa morrer." Mas Deus não deixa. Pelo contrário, ele aparece e diz a Jó: "você conhece todas essas coisas?" E então Jó, sem resposta, responde:

Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito,
mas agora os meus olhos te viram.

Jó 42:5 (NVI)

O que ele quer dizer com esse verso? O verbo "ouvir" é o mesmo verbo para "obedecer". Jó conhecia a Deus por obedecê-lo; mas quando Deus lhe faz perguntas, Jó entende que não adianta só obedecer, porque a obediência é limitada. Ele precisa ir além: ele precisa saber que não tem todas as respostas e nunca as terá. Mas ele vai continuar na jornada, porque a jornada de fé é isso: continuar apesar das dúvidas.

Então o convite para a dúvida é um convite para sairmos de um lugar que entende nossas crenças como uma caixa de dominó: se uma coisa for questionada, todas as outras coisas estão destruídas. O convite à dúvida é um convite à perplexidade, a enxergar nossas limitações, nossas incompletudes, nosso não lugar, nossas limitações humanas. A partir daí poderemos ter uma relação verdadeira com o texto, não mediada por uma confissão religiosa.

Referências

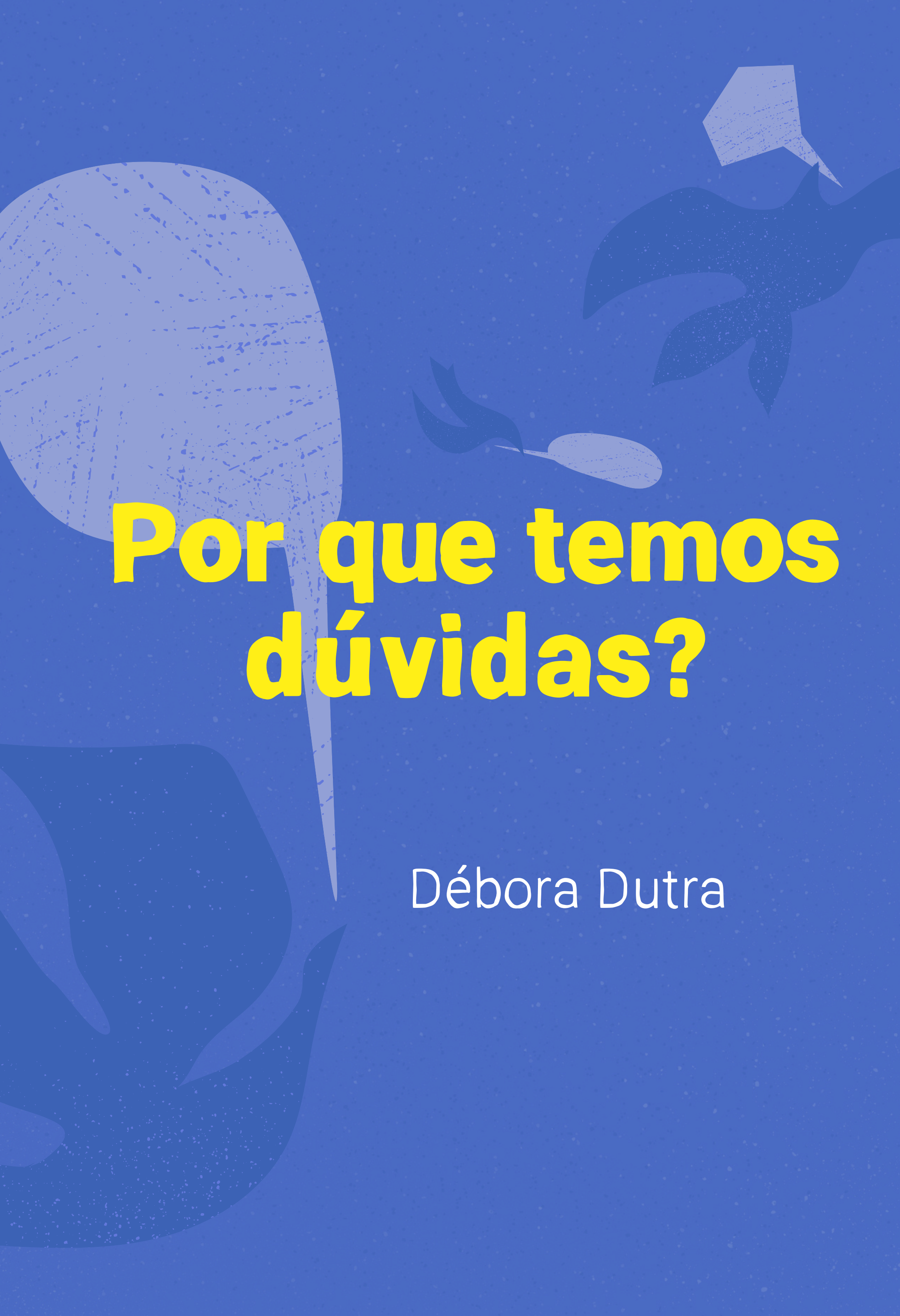
ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ENNS, Peter. **The Sin of Certainty: Why God Desires Our Trust More Than Our "Correct" Beliefs**. HarperOne, 2016.

HESCHEL, Abraham. **Deus em busca do homem**. Saraiva Didático, 2006.

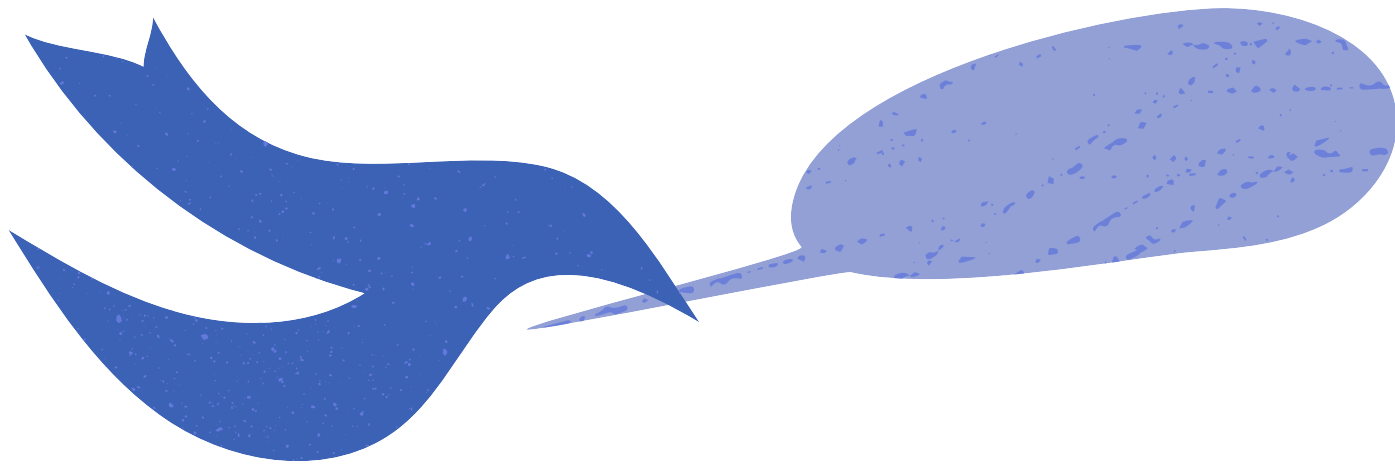
KELLER, Werner. **E a Bíblia tinha razão**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012. No momento encontra-se fora de circulação.

Tenho dúvidas



Por que temos dúvidas?

Débora Dutra



Débora Dutra é professora de Matemática do Instituto Federal do Espírito Santo. Possui graduação em Matemática e Física, mestrado em Educação Matemática e doutorado em Educação em Ciências. Começou a lecionar desde a graduação e sua vida acadêmica se intercala com a docência na educação básica e superior. Atua na pós-graduação com orientações no âmbito da Educação em Ciências e Matemática.

O tema proposto para discussão — a dúvida, a fé, e sua importância na pesquisa — é um desafio. Dúvidas e questionamentos permeiam nossa vida, tanto na vida acadêmica quanto pessoal, e também na vida cristã, sendo um elemento importante para a pesquisa.

Contextualizando a minha formação como pessoa, cresci numa cidade pequena, e a maior parte da minha família se identificava como cristã evangélica, atuante nos diversos departamentos da igreja, inclusive como lideranças. Nesses espaços a vida era permeada pelas doutrinas da denominação, e ter dúvidas ou questionamentos nem sempre era interpretado como algo bom. Estando em um grupo em que cada membro desempenha um papel naquela estrutura, esperava-se que as mulheres desempenhassem as atividades do lar. Por outro lado, mulheres como minha mãe, dentro do possível, nos incentivavam também ao estudo e à independência.

A partir dessas vivências percebi que o questionamento pode ser visto como uma rebeldia e até um pecado. A vida acadêmica foi por vezes vista como algo que nos leva para “fora do caminho”.

Desde muito cedo questionamos as regras, principalmente aquelas que parecem não fazer sentido, mesmo que apenas para compreendê-las melhor — o que de alguma forma nos fazia criar ainda mais perguntas.

Pensar numa vida acadêmica parecia distante dessa vivência religiosa. Mas alguns poucos colegas ingressaram na universidade, mostrando esse caminho como uma alternativa possível.

Ao ingressar na universidade, levamos conosco essas vivências, e esse outro lugar traz a possibilidade de outros olhares para a vida. A partir dessas novas experiências, a dúvida pode ser angustiante diante de uma busca por justificar a fé, ou, por vezes, pelo receio de suas descobertas e anseios levarem a um afastamento. Consegui trazer o equilíbrio da minha fé para a vida acadêmica. Os aprendi-zados sobre Cristo e sua busca por justiça, o amor ao próximo, a inclusão dos excluídos e a esperança foram sempre os referenciais para minha vida.

Chegar nesse equilíbrio perpassa muitas dúvidas. Percebi que questionar faz parte da nossa jornada para compreender o mundo, compreender a ciência e compreender a nós mesmos.

Fazendo um paralelo com o meu trabalho, pude observar que algo considerado firme em sua centralidade pode ser questionado. Atuo ensinando matemática, e por muito tempo a enxergamos como uma ciência central, verdadeira e universal. No âmbito do ensino, a matemática como disciplina foi por muito tempo um ramo da ciência que excluía quem não dominava seus teoremas e algoritmos.

Apagou-se a história de que a matemática foi construída a várias mãos e a partir de conhecimentos de muitos povos para resolver problemas da vida cotidiana das comunidades. Dessa forma, questiona-se: por que a matemática é só para alguns e não para todos? Nós queríamos que a matemática não fosse só para os gênios, mas que todas as pessoas pudessem aprender matemática. A partir dessa premissa, não seria possível pensar num ensino de matemática que a considera uma ciência universal e neutra. Como afirma Paulo Freire em *Pedagogia do oprimido*, a pretensa neutralidade já demonstra uma tomada de posição. Essa forma de pensar a ciência apaga conhecimentos e epistemologias construídas ao longo do tempo que contribuíram para a formação da sociedade e para o desenvolvimento científico e tecnológico, em especial para o desenvolvimento da matemática. Nesse sentido, a matemática torna-se excludente e faz-se importante repensar e construir formas de discutir a ciência, a matemática e seu ensino. É preciso desmistificar a ideia de que ela é uma ciência inacessível e que causa medo. Buscamos que a escola seja inclusiva e que o conhecimento seja construído com todos e para todos.

No contexto da formação da sociedade brasileira, os conhecimentos indígenas e africanos são negligenciados frente a uma ciência eurocentrada. Encobre-se, por exemplo, a vasta contribuição africana para o desenvolvimento das ciências, em especial da matemática. Por exemplo, artefatos arqueológicos encontrados no continente africano, como o Papiro de Rhind ou o Papiro de Amósis, com a resolução de problemas aritméticos, mostram um pouco dessas contribuições. Assim, fazer perguntas ajuda a ampliar o conhecimento sobre algo.

Por que temos dúvidas?

As perguntas e questionamentos são importantes no cotidiano de uma professora e pesquisadora. Como podemos entender a dúvida e os questionamentos nas dinâmicas humanas, já que isso é algo intrínseco a nós?

Paulo Freire, um educador brasileiro, discute o papel do educador e a importância do pensamento crítico. Para ele, a partir do momento em que nos percebemos no mundo, começamos a questionar.

Precisamos questionar como uma forma de buscar conhecimento sobre o mundo e sobre nós mesmos. Para descobrir um pouco de quem somos, precisamos da dúvida e de perguntas para saber mais. Nas palavras do autor, ainda no livro *Pedagogia do oprimido*:

[...] Descubrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas. (p. 19)

Quando estamos nesse ciclo onde as perguntas não se esgotam, ao saber um pouco mais de nós, novas perguntas surgem, e vamos nos percebendo como seres inconclusos. Quando nos percebemos dessa forma, conseguimos ter consciência do nosso constante processo de formação e movimento de busca. A partir dessas inquietações e na busca por nos conhecer, conseguimos desenvolver um pensamento crítico. Assim começamos a perceber o que está à nossa volta, perceber a nossa humanização e /ou a falta dela.

Jesus fazia perguntas o tempo todo, também como uma busca para que o povo conhecesse o seu entorno e desenvolvesse uma forma crítica de pensar no contexto em que estavam inseridos. Fazendo isso percebemos aspectos desumanizantes ao nosso redor, assim como Jesus os percebeu em seu próprio contexto. Afinal, o que nos torna humanos é ter nossas necessidades providas, e percebendo o nosso entorno com um pensamento crítico notamos que nem sempre é isso que acontece.

É a partir dessa percepção que podemos lutar para que aqueles que perderam sua humanidade possam reencontrá-la. Como dizia Freire, essa busca que esbarra na violência, na exploração e nas desigualdades precisa resultar na busca pela justiça.

Isso porque, a partir do momento em que você vê seu contexto e o compreende, isso te sensibiliza a ponto de te mover para uma ação que busque oportunidades de humanização do outro.

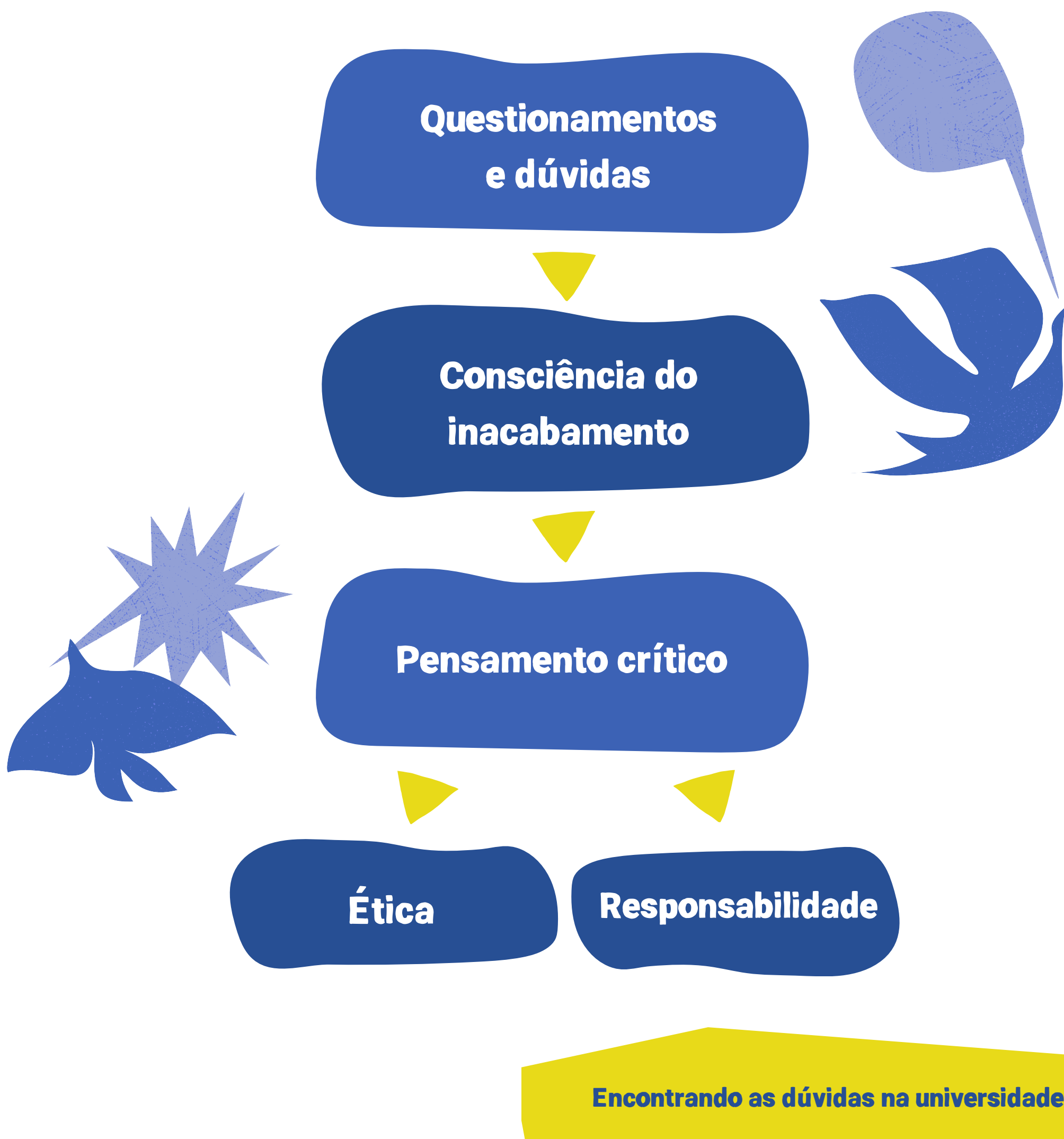
É o pensamento crítico que faz com que percebamos o nosso entorno. Por isso Freire, em *Pedagogia da autonomia*, aponta que ensinar, aprender e pesquisar vão além do objeto, ou seja, do conteúdo, mas envolvem a produção de condições para que ensinar, aprender e viver criticamente seja possível.

Freire continua dizendo que "quanto mais a gente põe em prática de forma metódica a nossa capacidade de indagar, de comparar, de duvidar e de aferir, tanto mais eficazmente curiosos nos podemos tornar e mais crítico se pode fazer o nosso bom senso" (p. 26).

Ou seja, são os questionamentos, as dúvidas e a nossa curiosidade que tornam possível a construção da nossa criticidade. A consciência do inacabamento, então, faz com que procuremos respostas, e isso traz outros dois fatores: responsabilidade e ética. Pois faz com que sejamos responsáveis ao lidar com nosso entorno e com os outros, levando-nos a pensar sobre a ética da nossa presença no mundo.

Esses elementos são tão importantes para nossa pesquisa quanto para os outros âmbitos da nossa vida.

Foi o que Jesus nos ensinou. Através de seus ensinamentos, sempre com perguntas e parábolas, ele encorajava o povo a pensar e a compreender o contexto no qual estavam inseridos. Na jornada de Jesus, ele demonstra seu amor pelo próximo, pelas pessoas, soa como uma voz que busca por justiça e se coloca em favor dos que estão à margem da sociedade, dando-lhes esperança de salvação.



Esse movimento não é algo que se encerra em si mesmo. Tendo em mente que somos inconclusos, continuamos no processo de aprendizado, fazendo perguntas, investigando e pesquisando. Além desses dois elementos já mencionados, Paulo Freire também vai dizer em *Pedagogia da autonomia* que "o exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser" (p. 34).

No âmbito da pesquisa podemos relacionar isso com o caminho que o educador nos apresenta: "Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade" (p. 16). Ou seja, pesquisamos para conhecer o mundo, para conhecer o desconhecido e comunicar o novo. Então as indagações e os questionamentos são intrínsecos à pesquisa e também ao que nós somos, pois esse movimento de perguntar faz parte da natureza humana que temos.

Nesse processo, percebemos que tudo se move a partir de uma pergunta, e não da estagnação. Então a dúvida é importante para o pesquisador, é importante para o docente e também é importante para o aluno — até porque, quando criamos um espaço onde as perguntas são bem-vindas, podemos conhecer outras perguntas que não conhecíamos ou faríamos. E temos que nos preocupar com as "certezas", a ideia de certezas de todas as coisas, que não dão abertura para o pensar de forma crítica. É desse tópico que Paulo Freire fala em seu livro *Pedagogia da autonomia*: "Tenho, às vezes, medo, do cientista demasiado seguro da segurança, senhor da verdade e que não suspeita sequer da historicidade do próprio saber" (p. 33).

Nesse contexto, em *Pedagogia da autonomia*, Paulo Freire fala também que a autoridade coerentemente democrática "compreende que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta" (p. 48). Isso me faz pensar que dúvidas e questionamentos tratados por meio do diálogo podem possibilitar a compreensão de si, trazer respostas, formu-

lar outras perguntas num espaço ético dentro de um rol disciplinar que respeita as singularidades do outro, pois a autoridade democrática

reconhece a eticidade de nossa presença [...] no mundo, reconhece, também e necessariamente, que não se vive a eticidade sem liberdade [...]. O educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações. (p. 48)

Então, perguntar transforma os espaços e nos ajuda a entender melhor de onde viemos e para onde queremos ir, sempre conectados com os princípios éticos, a responsabilidade e o amor; como dizia o apóstolo Paulo, o amor precisa estar envolvido em tudo o que fazemos. Paulo, na primeira carta aos Coríntios, afirmou que o amor é paciente, bondoso, não inveja, não se envaidece, não maltrata, não age conforme seus interesses e não se alegra com a injustiça, mas com a verdade. Poderíamos dizer que o amor é profundamente ético e responsável. Precisamos colocar o amor em tudo o que desenvolvemos.

Jesus foi um exemplo de amor. Seus ensinamentos demonstraram seu amor pelo próximo e sua busca por justiça, discutindo e enfrentando os problemas sociais de seu tempo. Por isso, acredito que também precisamos enfrentar os problemas do nosso tempo, como por exemplo: as desigualdades sociais, as injustiças, o desrespeito à diversidade, o desamor e a falta de políticas para as pessoas em situação de vulnerabilidade, desigualdades de raça, gênero, dentre outras.

Por tudo o que foi mencionado, percebemos que as dúvidas ajudam a nos conhecer e expandir o conhecimento sobre o mundo — seja nos espaços das comunidades de fé, nos espaços sociais, na vida acadêmica ou no desenvolvimento da pesquisa. Cada um desses espaços nos traz aprendizados valiosos para termos uma vida ética e responsável com o que fazemos e no olhar sobre o outro.

Precisamos ter em mente que não sabemos tudo e estamos sempre aprendendo. Muitos desses aprendizados vêm a partir dessas perguntas.

Enquanto pesquisadores precisamos manter o olhar crítico, ético, responsável e amoroso.

Para continuarmos refletindo, termino com algumas perguntas:

- O que/quem seríamos sem a dúvida, a criticidade, a responsabilidade e a ética?
- O que você tem descoberto sobre si mesmo ao questionar o contexto no qual está inserido?
- Independente da área em que seja a sua pesquisa, precisa levar em conta a busca pela justiça, o respeito à diversidade, o direito de pessoas em situação de vulnerabilidade, a contraposição às desigualdades sociais e a busca por equidade de raça, gênero etc. Com isso em mente, como a sua pesquisa pode contribuir nesses aspectos?
- Como podemos comunicar as pesquisas que fazemos nos lugares em que ocupamos a partir dessa perspectiva crítica, ética e responsável?
- Como podemos discutir criticamente sem imposição, com base no diálogo e amor ao próximo?

Durante o percurso acadêmico da pesquisa, que pode ser solitário, às vezes nos deparamos com dúvidas em relação a diversos âmbitos da vida, inclusive a fé. Considero que a fé está pautada num relacionamento pessoal com Deus, com o que acreditamos. Nos momentos mais difíceis, por vezes, recorri à calma da fé individual e silenciosa que me permitiu acreditar que continuar era possível.

Às vezes, nessa busca solitária por respostas às suas dúvidas, é importante conhecer pessoas que estão no mesmo caminho, conversar e se fortalecer. Nos momentos de angústia, não podemos perder a fé, que nos faz prosseguir, que nos permite ir além do que nos condiciona. Devemos buscar outras ideias e olhar para outros lugares. Estes questionamentos ajudam a compreender um pouco de nós. Isso não significa apagar quem somos e de onde viemos, mas trazer outros olhares para entendermos esse novo con-

texto. Do contrário, ficamos limitados a um só lugar, numa bolha, enquanto existe todo um mundo e várias formas de compreendê-lo.

No meu caso, considero que a fé ajuda a responder algumas dúvidas. Não vai responder tudo, pois sempre temos outras perguntas, mas o caminho vai sendo construído e essa relação nos ajuda a continuar e acreditar que existe algo mais para prosseguirmos e por que/quem lutar.

Referências

Freire, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

Freire, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra, 1996.

a bênção
da dúvida

Se você quiser entrar em um servidor
do Discord para pesquisadores e
professores cristãos da América
Latina, escaneie o QR abaixo.



a bênção da dúvida



ABUB
Aliança Bíblica Universitária do Brasil



INICIATIVA
LOGOS Y COSMOS



**JOHN
TEMPLETON**
FOUNDATION
Inspiring Awe & Wonder